

Afirmativa

plural



Ano I - nº 05 - AFROBRAS

Troféu Raça Negra

SITUAÇÃO DO NEGRO NO PAÍS

O NEGRO DO NOVO MILÊNIO



Kit Social 1

Terno
+ Camisa
+ Gravata
+ Cinto
+ Sapato

Tudo em até
12x
sem juros

R\$ 199,95

Kit Social 2

Terno
+ Camisa
+ Gravata
+ Cinto
+ Sapato

R\$ 299,95

Entregue o
original desse
anúncio
e ganhe
10%
de desconto

Você tem todo o direito de economizar.



Colombo

o espaço da moda



www.camisariacolombo.com.br

Paulista, Centro e Principais Shoppings

Promoção válida até o final do estoque. Exceto Cuiabá, Florianópolis, Ribeirão Preto e Franca. REF KIT 1 Terno 1002, Camisa 0901, 0902, 0903, 0904, 0905, 0911, 0301, 0302, 0303, 0304, 0311, Blusinha 7500, 7504, 7508, Clnto 6000, 6005, 6006, Sepato 6080, 6090, 6099, 6199 REF KIT 2 Terno 1405, 1515, 1032, 1033, Camisa 0901, 0902, 0903, 0904, 0905, 0911, 0301, 0302, 0303, 0304, 0311, Gravata 7800, 7504, 7508, Clnto 6000, 6005, 6086, Sepato 6080, 6090, 6099, 6199, 6616. * Oferta válida para portadores do Cartão Colombo Auro. Crédito sujeito a aprovação. Parcela mínima R\$ 25,00.

Troféu Raça Negra, uma homenagem a todos.

No Brasil, somos 46,5% de negros assu-
midos, o que não deve representar a situação
real, mas ficando apenas com o número dos que
se assumem, somos a segunda maior população de
negros no mundo, depois da Nigéria.

Em Durban, o Brasil assumiu que é um país racista
sim. Mesmo por que não dá mais para negar o fato
desde que os principais órgãos de pesquisas
começaram a mostrar os números dessa realidade:
salários menores, falta de negros em postos de chefias,

desigualdades e promove a entrega do
Troféu Raça Negra 450 Anos de São Paulo. É
com este troféu que destacamos as personalidades
negras e não negras que contribuem em várias áreas
para a construção e o crescimento do Brasil. O Troféu
Raça Negra é uma singela homenagem aos negros
que se destacam em suas áreas e aos negros de todas
as cores que querem um Brasil melhor com a partici-
pação de toda a sua gente em todos os níveis sociais.
E para dizer um muito obrigado a todos estes, fizemos

menos negros nos bancos escolares, mais violência
policial contra negros, sem contar o subemprego, a
sub-moradia. Não há igualdade de tratamento e de
oportunidades.

Nem nas comemorações o negro é lembrado. Foi o
caso dos 500 anos de descobrimento do Brasil, onde
todas as raças foram prestigiadas, menos os negros. E,
agora, no aniversário de São Paulo, onde temos o
maior contingente de negros do País – 3,5 milhões
– que, com certeza ajudaram a construir esse
gigante, o negro foi novamente esquecido.

Por isso, a Afrobras, mais uma vez, a
exemplo de 2000, resolveu ajudar
na luta contra essas

uma edição especial da Afirmativa, onde contamos
com a colaboração de todos os articulistas e artistas
que deram um pouco do seu tempo para deixar nossa
revista mais bonita e que, a partir deste número, vem
reformulada graficamente para atender melhor seus
objetivos. Aqui mostramos quase toda a equipe – só falta
o pessoal de criação da futura Propaganda - que ajudou
a fazer a nova Afirmativa.

A todos muito obrigada!

*Francisca Rodrigues
Editora*

ditorial

Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras - Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio - Cultural, com periodicidade bimestral. Rua Pedro Vicente, 232, Ponte Pequena, São Paulo/SP - Brasil - CEP 01109-010 - Tels (55-11) 3326.4149 - 3326.2176. Conselho Editorial: José Vicente, Ruth Lopes, Raquel Lopes, Francisca Rodrigues, Jarbas Vargas Nascimento, Nanci Valadares de Carvalho, Francisco Canindé Pegado do Nascimento, Humberto Adami, Braz de Araújo, Felice Cardinali, Sônia Guimarães, Cristina Jorge.

Direção Editorial e de Redação: Jornalista Francisca Rodrigues (francisca@afrobras.org.br - Mtb. 14.845); Redação e Publicidade: Maximage Midia Assessoria em Comunicação (mim@maximagemmidia.com.br) - Tel. (11) 3326-6084. Jornalistas: Zulmira Felício (zulmira@nz.com.br - Mtb.11.316), Ana Luiza Biazeto (analuiza@afrobras.org.br), Daniela Gomes (daniela@afrobras.org.br), Demetrius Trindade (demetrius@maximagemmidia.com.br) - Márcio Tadeu Santos (tadeu_s@yahoo.com) - Revisão: Vera Moreira - Fotografia: J.C.Santos e Vandercy Silva de Oliveira Jr.



A Editora não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e matérias assinadas. A reprodução desta revista no todo ou em parte só será permitida com autorização expressa da Editora e com citação da fonte.

Senhora Editora:

Agradeço-lhe a gentileza da remessa
da revista Afirmativa Plural, da Afrobras.

Cumprimentando-a cordialmente, transmito-lhe
e aos seus colaboradores, as minhas felicitações pela
alta qualidade editorial e gráfica da publicação.

Atenciosamente.

José Alencar

Vice-Presidente da República.

Senhor Diretor,

Agradeço a Vossa Senhoria a remessa do exemplar da Revista
Afirmativa, Ano I, nº4, publicada pela Afrobras, na certeza de que
enriquecerá nosso acervo.

No ensejo, apresento a Vossa Senhoria protestos de consider-
ação e apreço.

Álvaro Lazzarini

*Desembargador Tribunal de
Justiça do Estado de S.Paulo*

artas

- A situação do negro no Brasil pág. 5

Ações Afirmativas

- Igualdade entre raças: Ministro Marco Aurélio Mello pág. 11
- Integração exige luta permanente: Gov. Geraldo Alckmin pág. 14
- Cresce a ação social: Gabriel Jorge Ferreira pág. 16
- Contribuição do negro para S.Paulo: Guilherme Afif Domingues pág. 19
- Religiões para a paz: Pe. Toninho pág. 20
- Revelações do cotidiano: Miriam Leitão pág. 22

Economia

- Mercado de grupos étnicos: Rubens Barbosa pág. 24
- Uma taxa contra o país: Abram Szajman pág. 27

Política

- O negro e a dívida social: Alceu Colares pág. 28
- Igualdade racial como política municipal: Marcelo Cândido pág. 29

Cultura

- Dívida e Escravidão: Sen. José Sarney pág. 30
- Resgate da cidadania afro-descendente: Raul do Valle pág. 33
- Mídia, agente de mudanças culturais: Sen. Paulo Paim pág. 34
- Política Cultural e afro-descendentes: Cláudia Costin pág. 36

Saúde e Beleza

- Cirurgia Plástica: Odo Adão pág. 39
- Beleza Negra: Deise Nunes pág. 40
- Excelência para afro-descendentes: Maria do Carmo pág. 42

Comunicação

- O negro na mídia: Netinho pág. 45
- Troféu Raça Negra e
- Semana da Consciência Negra pág. 46

Educação

- Cotas, uma invenção nacional: Hélio Silva pág. 64
- Ações afirmativas produzindo conhecimento: Sonia Guimarães pág. 67
- A inclusão racial na educação superior: Nelson Maculan pág. 69
- Uma discriminação Secular: Paulo Renato Souza pág. 70
- Entrevista: Prof. Almir de Souza Maia pág. 72

Responsabilidade Social

- Inserção do negro no mercado de trabalho: VP Banco Itaú pág. 74
- Uma terra construída por todos os povos: Matilde Ribeiro pág. 76

Faculdade Zumbi dos Palmares

Negros em Foco pág. 78
Museu do Negro pág. 83

Entrevista Di Gênio

O negro no terceiro milênio pág. 86

O negro no terceiro milênio pág. 89

ndice



síntese da situação do negro no país.

O negro no mercado de trabalho e na Educação

A crescente ênfase a caminho da maturidade desejada das ações políticas, sociais, econômicas, culturais e empresariais, isoladas e ou conjugadas, de governos, instituições e representações da sociedade civil, têm culminado com uma grande produção de ações e medidas de impacto na valorização, inclusão e visibilidade do negro, compreendendo a necessidade de integrá-lo nos postos de trabalho, na comunicação de seus produtos e no rol de seus fornecedores e, em especial, de consumidores. Mas ainda

estamos muito longe do que seria o ideal para a população afro-brasileira.

A última Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), destaca ser bastante diferenciada a situação dos brancos e dos pretos ou pardos em relação ao mercado de trabalho. Centrado nas principais capitais, o estudo tem como principal objetivo apontar aspectos da realidade sócio-econômica.

Em março de 2004, havia cerca de 18,5

milhões de pessoas ocupadas nas seis regiões metropolitanas investigadas, das quais 58,0% eram brancas e 40,8% pretas ou pardas, refletindo a maioria branca da PIA (Pessoas em Idade Ativa). No entanto, na população desocupada deu-se o inverso: havia 49,2% de pessoas brancas e 50,4% de pessoas pretas ou pardas. Calculou-se as taxas de atividade e de desocupação por raça e cor e concluiu-se que os brancos participam mais do mercado de trabalho. A taxa de desocupação por cor ou raça é de

Tabela 1 - Taxas de atividade e desocupação da PIA, por cor ou raça, nas Regiões Metropolitanas

	Total	Recife	Salvador	BH	RJ	SP	P Alegre
Taxa de atividade	57,1	49,4	56,8	57,2	55,3	60,1	55,8
Branca	57,5	51,3	60,0	58,1	54,4	60,0	55,8
Preta/Parda	56,5	48,7	56,3	56,4	56,4	60,1	56,2
Taxa de desocupação	12,8	12,6	17,1	12,1	9,8	14,6	9,6
Branca	11,1	11,7	9,3	10,3	8,2	13,1	9,2
Preta/Parda	15,3	13,0	18,3	13,8	11,8	18,4	13,0

Fonte: Pesquisa Mensal de Emprego - PME - março de 2004

57,5% de brancos economicamente ativos, sendo 11,1% desocupados e 88,9% ocupados. Já entre a população preta ou parda economicamente ativa (56,5%), a proporção de desocupados é de 15,3% e a proporção de ocupados, 84,7%. Pretos e pardos apresentam maior dificuldade em encontrar trabalho. (Ver tabela 1).

Pequena também é a presença de mulheres e de negros nas empresas, principalmente se comparada à participação desses grupos na sociedade brasileira ou até na população economicamente ativa. Em cargos de diretoria, o índice de participação das mulheres é de 9% e o dos negros, apenas, 1,8%. Esses percentuais aumentam à medida que se desce na escala hierárquica. As mulheres formam 28% do nível de supervisão e 35% do quadro funcional, enquanto os negros são 13,5% dos supervisores e 23,4% do quadro funcional. A predominância é de homens brancos com alto grau de instrução nos principais cargos executivos (Gráfico 1). Esses dados são de uma outra pesquisa realizada pelo Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social em parceria com a Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV-EAESP), o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher - Unifem (Gráficos 2 e 3).

Com relação à Educação, brancos, ocupados ou não, têm maior escolaridade que pretos ou pardos. O número médio de anos de estudo completos para a população branca ocupada chegou a 9,8, enquanto o dos pretos ou pardos foi 7,74.

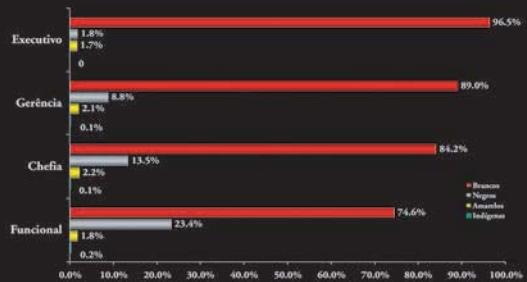
Gráfico 1 - Empresas com responsabilidade social



Filiadas ao Instituto Ethos que olha os quesitos:
Projetos sociais, governança corporativa e empowerment

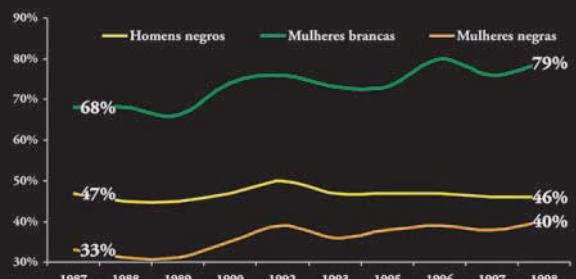
DESIGUALDADE RACIAL

Gráfico 2 - Distribuição por raça ou cor



Fonte: Instituto Ethos

Gráfico 3 - Rendimentos de homens negros, mulheres brancas e negras como percentagem dos homens brancos



Fonte: Microdados PNAD padronizados pelo IPEA/Sergio Soares

Também entre os desocupados, a população branca mostrou maior média de anos de estudo (9,5) completos do que a população preta ou parda (8,0). O mesmo se deu em todas as seis regiões metropolitanas, sendo Salvador a que apresentou maior diferença (3,5 anos) de escolaridade entre brancos e pretos (Gráfico 4). Veja ranking dos melhores programas universitários de integração de negros americanos (Gráfico 5).

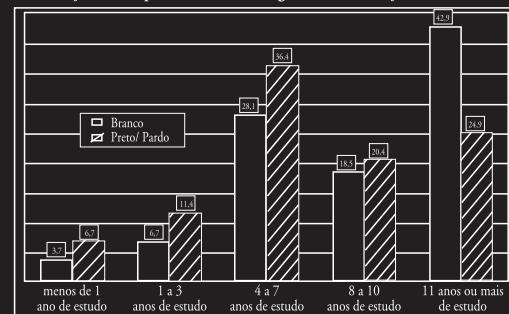
Mais pretos e pardos estão entre os trabalhadores domésticos, por conta própria e sem carteira assinada. 41,0% da população branca se inseriam no mercado de trabalho, contra 37,5% dos pretos ou pardos, que apresentaram as maiores concentrações entre os trabalhadores por conta própria e os empregados sem carteira de trabalho no setor privado, tanto na média geral como em cada uma das seis regiões metropolitanas investigadas pela PME, exceto Belo Horizonte (Gráfico 6).

Outro dado: mais que o dobro é a participação dos pretos ou pardos entre os trabalhadores domésticos. Em Porto Alegre, 14,7% dos pretos ou pardos ocupados é trabalhador doméstico, proporção maior do que a dos empregados sem carteira de trabalho da mesma cor ou raça (11,6%) no setor privado.

Em geral, o comércio é o maior empregador da população (branca e negra). O ramo da construção e dos serviços domésticos fica com o maior percentual de pretos ou pardos, enquanto os brancos ocupam-se na indústria e nos segmentos da saúde, educação e na administração pública. O estudo revelou um dado presumível: rendimento habitual por hora trabalhada inferior à razão salário mínimo por 40 horas semanais para os negros (18,2%), enquanto entre os brancos o percentual era menos da metade (7,5%). Rendimento dos pretos ou pardos é menor e mulheres desse grupo ganham menos ainda.

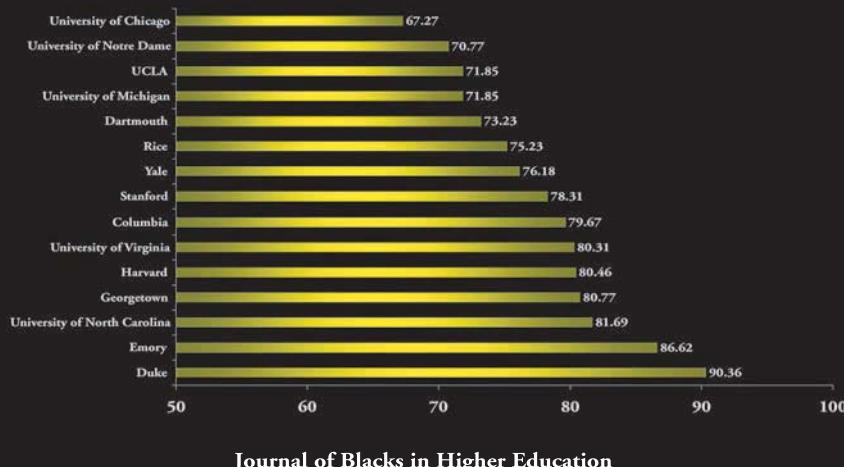
Chama a atenção que na faixa de até 2 salários mínimos por mês 63,9% são pretos ou pardos, contra 39,2% dos brancos ocupados. Na faixa dos 10 salários mínimos ou mais, estavam 10,6% dos ocupados brancos, contra apenas 1,7% de pretos ou pardos (Gráfico 7).

Gráfico 4 - Distribuição da PIA por anos de estudo segundo a cor ou raça nas seis RM - março de 2004



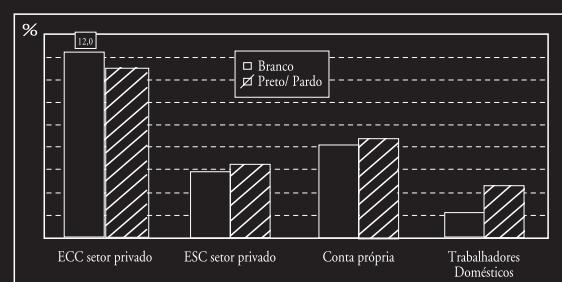
Fonte: Pesquisa Mensal de Emprego - PME - março de 2004

Gráfico 5 - Ranking dos melhores programas universitários de integração de negros americanos



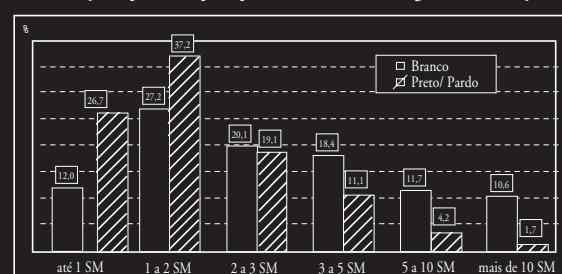
Journal of Blacks in Higher Education

Gráfico 6 - Distribuição das pessoas ocupadas por posição na ocupação segundo a cor ou raça nas seis RM



Fonte: Pesquisa Mensal de Emprego - PME - março de 2004

Gráfico 7 - Distribuição de pessoas ocupadas por classes de rendimento segundo a cor ou raça nas seis RM

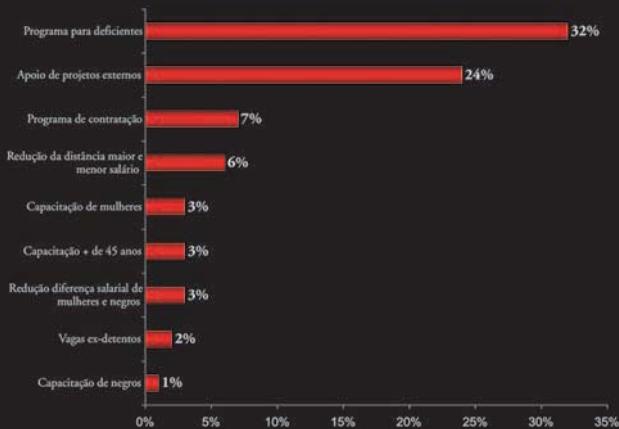


Fonte: Pesquisa Mensal de Emprego - PME - março de 2004

Tabela 2 - Rendimento médio habitualmente recebido pelas pessoas ocupadas, por cor ou raça

	Total	Recife	Salvador	BH	RJ	SP	P Alegre
Pessoas Ocupadas	874,00	562,00	698,00	745,00	828,00	1003,00	860,00
Branca	1096,00	866,00	1550,00	1002,00	1065,00	1176,00	905,00
Preta/Parda	535,00	438,00	556,00	502,00	549,00	560,00	523,00
ECC setor privado	911,48	591,98	746,96	725,58	806,06	1090,31	782,63
Branca	1093,60	834,18	1384,92	954,36	980,52	1242,77	814,01
Preta/Parda	596,86	485,31	638,36	523,37	587,36	653,16	528,87
ESC setor privado	545,33	333,70	397,21	425,87	533,03	615,64	552,52
Branca	654,23	479,16	669,25	529,64	625,93	704,48	574,31
Preta/Parda	399,22	285,91	364,84	336,60	433,55	434,89	393,26
Conta Própria	707,74	407,74	508,26	604,79	674,83	850,42	689,06
Branca	917,39	635,87	1346,45	778,91	893,10	1014,89	726,58
Preta/Parda	418,30	329,35	384,74	412,68	442,01	447,27	405,23

O rendimento dos ocupados brancos, em média, é duas vezes (R\$ 1.096,00) o dos pretos ou pardos (R\$ 535,00). Em Salvador os brancos recebem 2,8 vezes mais. Na categoria trabalho por conta própria os brancos ganham 2,2 vezes mais do que os pretos ou pardos. Salvador e São Paulo apresentaram as maiores diferenças (Tabela 2).



Fonte: Instituto Ethos



"No Brasil, brancos monopolizam inteiramente o aparelho de estado e nem sequer se dão conta da anomalia que isto representa à luz dos princípios da democracia"

*Joaquim B. Barbosa Gomes
Ministro do STF - Supremo Tribunal Federal*

Os Negros nas Américas somam um mercado de consumo de aproximadamente 150 milhões de indivíduos com renda final estimada da ordem de US\$ 800 bilhões de dólares. Um terço do PIB Europeu. Uma vez e meia o PIB do Brasil.

Diga-se de passagem que, tão somente a renda dos negros norte-americanos de 640 bilhões de dólares é, de longe, superior ao PIB Brasileiro.

Empresas, comércio e serviços acompanham de perto a elevação insinuante e consistente de uma classe média e empresarial negra com influência nos formadores de opinião e com necessidades específicas de consumo. Afinal, são

7,5 milhões de negros de classe média, com renda conjunta anual de 46 bilhões de reais, gasto médio acima de 700 milhões de reais, poupança estimada de 200 milhões de reais mensais e que querem ganhar mais dinheiro, abrir seu próprio negócio, comprar ou trocar de carro, viajar e ter casa própria, prestígio social e comunitário.

Para se ter idéia do potencial econômico desse mer-

cado, somente o setor de produtos de higiene e beleza afroétnico no Brasil, atinge faturamento de 2 bilhões de dólares.

É nesse cenário, que reúne todos os ingredientes para um grande salto econômico, que lideranças empresariais e políticas negras, brasileiras e norte-americanas saem na frente para preparar a pavimentação da estrada que ligará o Brasil a um Brasil novinho, virgem e inexplorado. Um Brasil de 800 bilhões de dólares.

A via empresarial e, em especial o mercado afroétnico, é um grande desafio para capacidade de realização e superação do negro

brasileiro. Vencido o desafio, que dependerá em grande medida da capacidade de se posicionar de forma estratégica, habilidosa e correta nas parcerias com os norte-americanos, certamente estará aberta a oportunidade de ouro para conformar uma nova geração de lideranças políticas e empresariais, cujo sucesso consolidará o ambicioso projeto de voz e vez das "minorias vulneráveis".



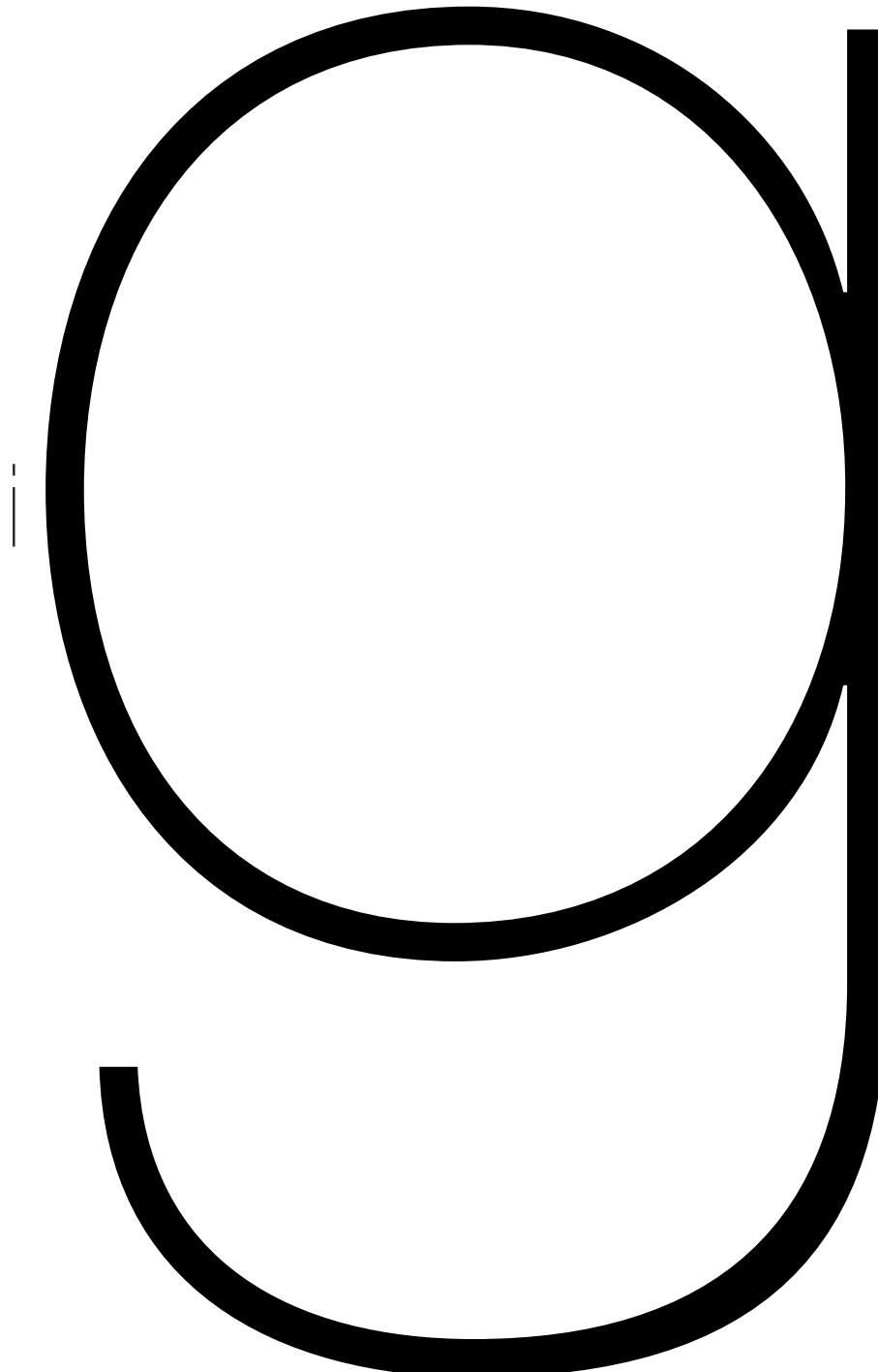


**O Bradesco cuida
de uma coisa muito
valiosa para você:
o seu tempo.**

Fone Fácil, Internet Banking, Débito Automático,
Bradesco Dia e Noite e a maior rede de Agências
do País. O Bradesco tem os mais completos
Serviços de Conveniência para você usar o seu
Banco na hora que quiser, do jeito que preferir.
www.bradesco.com.br



Bradesco



Na Constituição de 1988 adotou-se, pela primeira vez, um preâmbulo - o que é sintomático, sinalizando uma nova direção, uma mudança de postura -, após o que a Lei Maior é aberta com o artigo que lhe evidencia o alcance: constam como fundamentos da República Brasileira a cidadania e a dignidade da pessoa humana. Do artigo 3º vem-nos luz suficiente ao agasalho de

uma ação afirmativa, à percepção de que o único modo de se corrigir desigualdades é colocar o peso da lei, com a imperatividade que ela deve ter em um mercado desequilibrado, a favor daquele que é discriminado, que é tratado de forma desigual. Nesse preceito são considerados como objetivos fundamentais de nossa República: primeiro, construir - preste-se atenção a

esse verbo - uma sociedade livre, justa e solidária; segundo, garantir o desenvolvimento nacional - novamente temos aqui o verbo a conduzir não a uma atitude simplesmente estática mas a uma posição ativa; erradicar a pobreza, a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; e, por último, no que nos interessa, promover o bem de todos, sem precon-



ceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Pode-se afirmar, sem receio de equívoco, que se passou de uma igualização estática, meramente negativa, no que se proibia a discriminação, para uma igualização eficaz, dinâmica, já que os verbos "construir", "garantir", "erradicar" e "promover" implicam, em si, mudança de óptica, ao denotar "ação". Não basta não discriminar. É preciso viabilizar - e encontramos, na Carta da República, base para fazê-lo - as mesmas oportunidades. Há de ter-se como página virada o sistema simplesmente principiológico. A postura deve ser, acima de tudo, afirmativa. E é necessário que essa seja a posição adotada pelos nossos legisladores. O fim almejado por esses dois artigos da Carta Federal é a transformação social, com o objetivo de erradicar a pobreza, que é uma das maneiras de discriminação, visando-se, acima de tudo, ao bem de todos, e não apenas daqueles nascidos em berços de ouro.

No campo dos direitos e garantias fundamentais, deu-se ênfase maior à igualização ao prever-se, na cabeça do artigo 5º, que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, assegurando-se aos brasileiros e estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. Seguem-se setenta e sete incisos, cabendo destacar o XLI, segundo o qual "a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais"; o inciso XLII, a prever que "a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei". Veja-se que nem a passagem do tempo, nem o valor "segurança jurídica", estabilidade nas relações jurídicas, suplantam a ênfase dada pelo nosso legislador constituinte de 1988 a esse crime odioso, que é o crime racial. Mais ainda: de acordo com o § 1º do artigo 5º,

"as normas definidoras dos direitos e garantias fundamentais têm aplicação imediata". Em relação aos direitos e às garantias individuais, a Carta de 1988 tornou-se, desde que promulgada, auto-aplicável, cabendo aos responsáveis pela supremacia do Diploma Máximo do País buscar meios para torná-lo efetivo. Consoante o § 2º desse mesmo artigo, os direitos e garantias expressos na Constituição não excluem outros decorrentes do regime e dos princípios por ela adotados, e aqui passou-se a contar com os denominados direitos e garantias implícitos ou inseridos nos tratados internacionais em que a República Federativa do Brasil seja parte.

A Lei nº 7.716/89, de autoria do deputado Carlos Alberto Caó, veio capítular determinados procedimentos, à margem da Carta Federal, como crime. Deveriam ter sido previstas, além da pena de prisão, também penas de multa em valores elevados. É o caso de perguntarmos: o que falta, então, para afastarmos do cenário as discriminações, as exclusões hoje notadas? Urge uma mudança cultural, uma conscientização maior por parte dos brasileiros; falta a percepção de que não se pode falar em Constituição Federal sem levar em conta, acima de tudo, a igualdade.

Todas as estatísticas comprovam o desequilíbrio social existente no Brasil, recaindo sobre a população negra grande parte dos ônus advindos da péssima distribuição de renda que tanto nos envergonha. Os piores indicadores alusivos ao analfabetismo, ao desemprego, renda, expectativa de vida, habitação, mortalidade, violência urbana retratam muito bem o que e como vem a ser a discriminação racial no Brasil.

Tudo acontece de forma muito sutil. A prática comprova que, diante de currículos idênticos, prefere-se a arregimentação do branco e que, sendo discutida uma relação locatícia, dá-se preferência - em que pese à igualdade de situações, a não ser pela cor - aos brancos. Nas lojas de produtos sofisti-

cados, raros são os negros que se colocam como vendedores, o que se dirá como gerentes. Em restaurantes, serviços que impliquem contato direto com o cliente geralmente não são feitos por negros. Mais ainda, existem locais em que há a presença maior de negros, a atuarem, no entanto, como: manobrista, leão-de-chácara, etc. Há exceções no Brasil. Já contamos, felizmente, com algumas grandes empresas que procuram equilibrar essa equação; uma delas começou com essa política em 1970, mas mesmo assim, até aqui, só conseguiu compor o quadro funcional com 10% de negros. Iniciativas semelhantes servem para escancarar o problema, para abrir nossos olhos a esse impiedoso tratamento que resulta, passo a passo, em uma discriminação inaceitável.

Cidadania não combina com desigualdade. República não combina com preconceito. Democracia não combina com discriminação. E, no entanto, no Brasil que se diz querer republicano e democrático, o cidadão ainda é uma elite, pela multiplicidade de preconceitos que subsistem, mesmo sob o manto fácil do silêncio branco com os negros, da palavra gentil com as mulheres, da esmola superior com os pobres, da frase lida para os analfabetos... Nesse cenário sócio-político e econômico, não seria verdadeiramente democrática a leitura superficial e preconceituosa da Constituição, nem seria verdadeiramente cidadão o leitor que não lhe rebuscassem a alma, apregoando o discurso fácil dos igualados superiormente em nossa história feita pelas mãos calejadas dos discriminados. É preciso ter sempre presentes essas palavras. A correção das desigualdades é possível, mas é preciso que façamos o que está ao nosso alcance, o que está previsto na Constituição Federal. Mão à obra. Todos. Quem ganha é o Brasil.

*Marco Aurélio Mendes de Farias Mello
Ministro do Supremo Tribunal Federal.*

Há 116 anos, a “Lei Áurea” acabou com o que nunca deveria ter existido. Encerrou um período de quase três séculos de inominável violência contra um povo que - com muito suor - construiu os alicerces da economia brasileira e -

esportes, nas artes, na economia; enfim, em todos os campos de atuação da sociedade.

Nesta luta é vital o fortalecimento da identidade negra. E essa força felizmente tem crescido consideravelmente, graças a um árduo e eficiente trabalho de mobilização que, cada vez mais, permeia nossas artes e meios de comunicação, exaltando – como sempre deveria ter sido exaltada –

Estado e a Comissão de Ações Afirmativas, que vem fornecendo suporte necessário ao Conselho de Reitores das Universidades Estaduais de São Paulo, nos estudos para a instituição do Programa Estadual de Inclusão Social e

Ação Afirmativa no Ensino Superior.

Ainda na área da Educação, o Programa “São Paulo: Educando pela diferença para a Igualdade” já capacitou mais de 160 docentes para a inclusão do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira no currículo da rede pública estadual.

Também é digno de nota o trabalho que este governo vem desenvolvendo para regularização e titulação de terras de antigos quilombos. Das 28 comunidades identificadas como remanescentes de quilombos, 17 já foram reconhecidas e cinco, tituladas. Entre as comunidades reconhecidas, 16 estão sendo atendidas pelo Instituto de Terras do Estado de São Paulo - ITESP, recebendo assistência técnica e extensão rural, apoio a atividades agrícolas, manejo florestal e produção artesanal, com vistas ao desenvolvimento sustentável. Por outro lado, a Procuradoria Geral do Estado mantém convênio com o Instituto do Negro Padre Batista para prestação de assistência judiciária gratuita às vítimas de discriminação racial.

Assim, sem alardes, nem demagogia, o governo paulista tem trabalhado efetivamente com a comunidade negra para eliminar preconceitos e construir caminhos mais amplos para a ascensão social e econômica dos afro-descendentes.

*Geraldo Alckmin
Governador do Estado de São Paulo*

Integração exige luta permanente

com muito sofrimento e bravura - escreveu as mais emocionantes páginas da história universal das lutas pela liberdade.

O fim da escravatura veio com uma lei que, na verdade, não resultou de qualquer concessão especial da princesa regente, mas, sim, de uma conscientização que – embora muito tardia – envolveu toda a sociedade da época. Lamentavelmente, a integração e a igualdade não acompanharam a abolição e, ainda hoje, têm de ser alcançadas por uma luta permanente na política, na cultura, nos

as nossas sólidas e ricas raízes africanas. A reconquista do orgulho da raça negra – antes apenas visível em penteados e roupas coloridas, músicas e danças alegres – já ganha maiores espaços em nossas estatísticas demográficas. Segundo dados do IBGE, em 10 anos, a proporção da população que se considera negra ou parda pulou de 5% para 6,2%, um crescimento de 24%, chegando a 10,4 milhões em 2000. E, segundo o Dieese, cerca de 30% da população paulista é negra.

O Governo do Estado de São Paulo tem dado todo apoio a esse trabalho de conscientização e reafirmação dos valores da cultura afro-brasileira. Esse apoio está estruturado por diversas medidas, entre as quais destaco os decretos que assinei em 2003, instituindo a Política de Ações Afirmativas para Afro-descendentes, no âmbito da Administração Pública do



A atuação das instituições

financeiras na área de Responsabilidade

Social vem crescendo ano a ano, refletindo o compromisso e a mobilização em torno de projetos de grande interesse da sociedade, que pode ser avaliada tanto pelos recursos financeiros investidos, que aumentaram 55% entre 2002 e 2003, passando de R\$ 290 milhões para R\$ 450 milhões, mas principalmente pelo envolvimento de um número cada vez maior de voluntários qualificados do setor, que dedicam tempo e conhecimento em benefício de instituições sociais selecionadas pela qualidade e importância de seu trabalho.

O volume mais intenso de investimentos e de trabalhos voluntários se verifica nas áreas de educação, formação profissional, saúde, esporte, assistência social, lazer, defesa de direitos, desenvolvimento comunitário, meio ambiente, segurança pública, educação e capacitação de pessoas portadoras de deficiência, voluntariado, alimentação, recuperação e conservação de espaços públicos.

resce
a ação
social

Os bancos administravam, no final do ano passado, 71 milhões de contas correntes, 62 milhões de contas de poupança e processavam anualmente mais de 23 bilhões e meio de transações entre depósitos, empréstimos, pagamentos e recebimentos de todos os tipos de contas, transferências e aplicações financeiras, estando entre as instituições que mais prestam serviços à sociedade. Para viabilizar esse atendimento, investi-

ram intensamente em tecnologia da informação, cerca de R\$ 4,2 bilhões em 2003. Estudo da Fundação Getúlio Vargas apurou que os investimentos dos bancos nessa área superam 10% do seu patrimônio líquido.

Em relação aos empréstimos do Sistema Financeiro Nacional, devo ressaltar que seu volume total apresentou crescimento de 10,4% nos oito primeiros meses deste ano, passando de R\$ 409,8 bilhões

em dezembro de 2003 para R\$ 452,8 bilhões ao final de agosto (último dado disponível).

Funcionando como uma alavanca para o crescimento econômico, o sistema financeiro vem dando significativa contribuição para a expansão do Produto Interno Bruto da economia, que deve ficar próximo de 4,5% ao final deste ano, segundo previsões dos especialistas em projeções macroeconômicas. O vo-

lume total de empréstimos do Sistema Financeiro Nacional, depois de declinar de 35% para 25% do PIB entre 1995 e 2003 - voltou a crescer, ultrapassando 26,4% do PIB em agosto deste ano. Mesmo com a elevação da taxa básica de juros neste final de ano, o Brasil apresentará, em 2004, crescimento do volume de empréstimos e do PIB superior ao dos anos anteriores.

Para ampliar o volume de empréstimos no Brasil, para níveis próximo ao dos países desenvolvidos como é desejável por todos, é fundamental manter a economia em crescimento e reduzir os fatores que encarecem as taxas de juros, diminuindo ou eliminando distorções que a tornaram demasiadamente superior às dos demais países, como, por exemplo:

- o elevado recolhimento compulsório (parcela dos depósitos que os bancos são obrigados a manter no Banco Central – 45% dos depósitos à vista);
- o direcionamento obrigatório do crédito (60% da poupança para habitação)
- o excesso de tributação sobre a intermediação financeira.
- as incertezas em relação a garantias e ao respeito dos contratos.

Apenas a supressão da incerteza jurisdicional hoje existente, segundo análise e cálculos do economista Edmar Bacha, permitiria o retorno ao país de parcela ponderável dos cerca de US\$ 80 bilhões pertencentes a brasileiros legalmente no exterior, conforme registra o último censo do Banco Central (BC). Incluídas quantias não declaradas, esse total deve ser duas vezes superior. O caminho da redução dos juros e do crescimento depende de medidas que estão ao alcance das autoridades brasileiras. É preciso que sejam adotadas, ainda que de forma gradual, para que o País continue avançando.

Gabriel Jorge Ferreira é presidente da CNF – Confederação Nacional das Instituições Financeiras





O que faz a
DIFERENÇA
para mim?

É ter um atendimento diferenciado, especial.

Se você não anda muito feliz com o atendimento do seu banco, converse com um gerente da Nossa Caixa. Você vai se surpreender e descobrir que serviços eletrônicos combinam, sim, com calor humano. A Nossa Caixa faz a diferença, oferecendo tecnologia, produtos e serviços de um banco moderno com um atendimento diferenciado.



Abra uma conta na Nossa Caixa. Você merece um banco assim.

O banco do coração de São Paulo

www.nossacaixa.com.br



A Associação Comercial de

São Paulo desenvolveu uma série de atividades visando as comemorações dos 450 anos da cidade de São Paulo, tendo partido da busca de sua “certidão de nascimento”, representada pelas “Cartas de Anchieta”, trazidas da Biblioteca do Vaticano para exposição pública no Páteo do Colégio.

Na série de eventos, promovidos ao longo do ano, a Associação procurou evidenciar uma característica marcante do desenvolvimento de São Paulo, que foi relevante para torná-la

a maior cidade brasileira e uma das maiores do mundo, qual seja sua vocação para receber e assimilar a contribuição de todos os povos e raças que para aqui acorreram, promovendo a convivência e o caldeamento de todos.

Demos grande destaque nessas comemorações à ação de inclusão promovida por Anchieta e seus companheiros, procurando substituir a dominação dos conquistadores, pela catequese e convivência com os nativos. São Paulo se manteve uma vila de pouca importância econômica até a libertação dos escravos quando, com a chegada dos imigrantes de todas as partes do mundo, somando-se à cultura negra existente, forma um caldeamento de raças que, com espírito empreendedor, fez da Capital paulista a grande cidade brasileira. Em todos os campos das atividades humanas, seja no empresarial, esportes, artes, na cultura, entre outros, se destaca a participação expressiva dos afro-descendentes.

Não vou citar nomes dos muitos que se destacaram porque sempre se comete injustiças ao deixar de lado alguns que contribuíram para a grandeza não apenas de

Contribuição do negro para São Paulo



São Paulo, mas de todo país. Além disso, não se pode ignorar o papel relevante da raça negra na formação do homem brasileiro, o que torna quase impossível medir em toda sua extensão a contribuição

dos afro-descendentes na construção do país. Ao atender o pedido da Revista Afirmativa, para escrever uma mensagem para sua edição especial, aceitei prontamente por considerar uma oportunidade de transmitir o meu reconhecimento pessoal e da Associação Comercial de São Paulo, pelo muito que a raça negra contribuiu, e ainda contribui, na vida da entidade, de São Paulo e do Brasil, complementando as homenagens que a Associação vem prestando aos construtores da capital paulista por ocasião de seus 450 anos.

*Guilherme Aff Domingos
Presidente Associação Comercial de São Paulo*



A liberdade religiosa é um direito de cidadania. A experiência cultural dos povos é expressa também através das formas religiosas. A religião que necessariamente se impunha como decência do contexto cultural de cada pessoa na Idade Média, por exemplo, tornou-se objeto de livre escolha na modernidade. Mesmo sem admitir a dupla pertença religiosa, o homem moderno, entretanto, tinha o livre arbítrio para escolher entre esta ou aquela religião de acordo com a sua vontade. Houve tempos até em que a exacerbada racionalidade moderna não só subestimou a vivência religiosa, mas apostou inclusive na sua falência por não ser mais

necessária ao grau mais alto de desenvolvimento do homem. Hoje, nos tempos Pós-Modernos em que vivemos, a retomada das práticas religiosas e o pluralismo das crenças têm assumido proporções surpreendentes.

As diferenças religiosas, não poucas vezes e em muitos ambientes, foram motivos de conflitos, gerando dificuldades e inviabilizando a unidade entre povos e nações. As contendas religiosas são conhecidas em todos os continentes. Na busca equivocada de soluções para o problema, em diferentes países foi decretada a religião única, religião de Estado. Esta prática superada sobretudo com o fim dos regimes coloniais, infelizmente ainda persiste em algumas regiões. Quase sempre por detrás dos conflitos religiosos há questões de fundo de porte sócio-econômico mascaradas pelas

expressões de fé. A intolerância religiosa tornou-se prática habitual em muitas sociedades. Em nome de “deus” chegou-se à violência mortal entre fiéis de diferentes credos. Talvez, por esta razão, o escritor português, José Saramago, prêmio Nobel em literatura, ao falar sobre o tema da utopia de um “novo mundo possível” em debate no Fórum Social Mundial de 2002, declarou que nesta utopia não haverá lugar para religiões uma vez que estas têm sido motivo

religiões para a paz

de divisões ao longo da história da humanidade. Saramago teria razão se não houvesse outra forma de pensar e, sobre tudo, de praticar a religião.

De fato, no mundo inteiro, as religiões têm grande papel nos dias de hoje. Não somente as religiões mundialmente conhecidas (cristianismo, judaísmo, islamismo, budismo, induísmo e outras), mas todas as formas religiosas. Aliás, nos tempos atuais em que os grandes sistemas religiosos vivem certas crises, surgem denominações anteriormente desconhecidas

ou pouco conhecidas voltadas para responder às exigências e necessidades da pós-modernidade. Portanto, a todas elas cabem responsabilidades diante da população mundial faminta do sagrado.

Das religiões, espera-se, sobretudo, o exemplo e o incentivo à ética. Sem dúvida alguma, urge a retomada da ética nas distintas esferas da ação humana. É preciso ética na economia, na política e também entre as religiões. Neste sentido, a tolerância pode parecer pouco diante dos ideais e propósitos das religiões. É

necessário ir mais além assumindo o ecumenismo e o diálogo inter-religioso. As religiões só justificam suas existências se forem o grande instrumento para a paz. Aliás, na obstinação pela paz está o critério para a sua veracidade.

*Antônio Aparecido da Silva
Sacerdote Católico e Presidente do Centro
Atabaque de Cultura Negra e Teologia*

A pauta que a revista me manda é a de que eu fale sobre o negro e a economia. Esse tem sido meu assunto e sempre será. Tenho mostrado que os negros têm taxa de desemprego maior, salário muito menor, mesmo quando têm a mesma qualificação, o que mostra que o assunto desafia as empresas a se perguntarem por que as barreiras para os negros entram no mercado

aos restaurantes e encontrará a mesma cena. Com o que as babás se parecem? Lembram uma encarnação nova das velhas mucamas que cuidavam dos filhos das senhoras na sociedade escravagista. A primeira dúvida é: por que os pais não cuidam dos seus próprios filhos nos fins de semana? Durante a semana, pode-se imaginar que estejam trabalhando e não possam cuidar e por isso precisam terceirizar - digamos assim - esse serviço. Segunda dúvida: por que vestir a empregada toda de branco? Para diferenciá-la e passar a informação de que ela não pertence àquele mundo da Zona Sul, certamente. Terceira dúvida: quem está

comeu, para ficar ainda mais claro de que ela é "diferente". Ficou assim: a família comendo, a criança sendo cuidada pela babá, numa cadeira, um pouquinho afastada da mesa, com seu jejum marcando a diferença de classe.

Normalmente, a presença da babá passeando com os filhos dos brancos na Zona Sul do Rio acontece nos casais mais maduros, que têm filhos perto dos 40, já com muitas atribuições profissionais. O estranho é o fato de que nem no fim de semana, a família muda aquele hábito. Mas outro dia num shopping eu vi um jovem casal com não apenas uma, mas duas empregadas, cada uma delas cuidando de um dos filhos. E todas, claro, de uniforme.

Tente encontrar algo semelhante nos Estados Unidos, nos *malls*, nos restaurantes, parques nos fins de semana. Será impossível! Alguém pode pensar que esse é um mercado de trabalho que absorve negras - e também brancas pobres, claro - de baixa qualificação e que se não houvesse esse mercado seria pior. Elas estariam desempregadas.

Olha o que eu acho: esse trabalho deveria ser muito bem remunerado, as pessoas deveriam se vestir com roupas normais e não uniformes e nos fins de semana os pais deveriam cuidar dos filhos. Fosse de qual fosse a classe social. Ou seja, os plantões das babás deveriam ser abolidos em favor dos filhos de ambas as classes sociais que conviveriam com seus pais.

São nesses pequenos detalhes, no uniforme branco da babá, na regra de que ela não coma com os patrões no restaurante, no famigerado elevador de serviço, nos olhares da silenciosa reprovação que se lançam contra negros quando eles chegam

evelações do cotidiano

de trabalho e ascenderem na escala hierárquica das empresas são mais altas. Principalmente estão desafiadas a dar uma resposta as que confiam plenamente no sofisma de que o Brasil é um país sem preconceitos de raça ou cor.

Só que hoje decidi ser rebelde e não cumprir a pauta da revista. Quero falar de comportamento, enfocando outro indício que tinge o nosso cotidiano. Ande, caro leitor, pela orla do Rio de Janeiro num dia de sol e encontrará lá o que estou querendo mostrar: babás, em geral negras, vestidas de branco da cabeça aos pés, carregam os filhos dos ricos da zona sul. Vá aos parques e verá, babás vestidas de branco brincando com os filhos já bem crescidinhos dos ricos. Vá aos shoppings,

com os filhos das babás?

Outro dia vi uma cena constrangedora assim: uma família chega no restaurante,

*"Com o que
as babás
se parecem?...
encarnação nova
das velhas
mucamas..."*

vem a criança e a babá. Além do uniforme branco para estabelecer a diferença de classe, a empregada não



no ambiente onde supostamente só brancos podem entrar, que a sociedade brasileira continua exibindo os sinais do seu passado escravagista. Passado jamais exorcizado porque nos demos desculpa antecipada de que não somos racistas. Elas

são vestidas e orientadas a se comportar como as mucamas de antigamente, exatamente porque a sociedade brasileira não se olhou de forma sincera para encontrar e abolir todos os sinais de uma separação inaceitável entre as pessoas, separação

herdada de um tempo do qual deveríamos nos envergonhar.

*Miriam Leitão,
Jornalista*

Tenho me referido, com freqüência, à ausência de uma estratégia do setor privado e do governo para tentar expandir as relações econômicas com os EUA e para aumentar as exportações do Brasil para aquele mercado.

Evidentemente, muita coisa vem sendo feita, como a organização de missões comerciais setoriais e a participação em feiras, o que deve ser reconhecido e apoiado.

Quando me refiro à necessidade de uma atitude mais agressiva do setor privado e uma definição de prioridades para certos mercados de grande potencial para os produtos brasileiros, estou pensando em algo mais sofisticado e com perspectivas de resultados mais rápidos e significativos. O mercado norte-americano é o maior, o mais dinâmico e um dos mais abertos do mundo. Com um PIB de US\$11,5 trilhões e importações de mais de US\$ 1,5 trilhão, os EUA oferecem muitas oportunidades para o exportador atento e interessado em descobrir e explorar nichos nesse mercado.

Dois desses nichos se enquadram nessa visão estratégica de médio e longo prazo, e se destacam imediatamente pelo potencial que podem representar para o exportador brasileiro: o latino e o negro.

O mercado latino, de cerca de 38 milhões de pessoas, das quais perto de um milhão são brasileiros, começa a ser pesquisado e buscado por algumas companhias brasileiras. Muito mais poderia ser feito, combinando iniciativas nesse mercado étnico com ações específicas nos principais estados onde os latinos se concentram. Contudo, vou focalizar apenas o negro

(grupo de aproximadamente 36 milhões de pessoas) pelo seu potencial e pelas oportunidades que oferece para o comércio exterior e turismo no Brasil.

A minoria negra ou afro-americana representará, em termos de disponibilidade de renda, cerca de US\$ 921 bilhões em 2008. Com relação à distribuição geográfica, os dez estados que apresentaram maior poder de compra da comunidade negra dos EUA em 2003 foram: Nova York (US\$ 65 bilhões), Califórnia (US\$ 53 bi), Texas (US\$ 50 bi), Georgia (US\$ 46 bi), Flórida (US\$ 41 bi), Maryland (US\$ 38 bi), Illinois (US\$ 37 bi), Carolina do Norte (US\$ 31 bi), Virginia (US\$ 29 bi) e Michigan (US\$ 28 bi).

Apesar de ser ligeiramente menos dinâmico que o mercado latino, o afro-americano continua sendo o maior mercado étnico do país.

Se fosse uma nação, o mercado afro-americano seria a 11^a economia do mundo, maior, portanto, do que a do Brasil. De acordo com o estudo "Buying Power of Black America", seu poder de compra chegou a US\$ 631 bilhões em 2002, com um aumento de 4,8% em relação a 2001. O significativo crescimento do mercado afro-americano e de outros mercados étnicos, em tamanho e em poder de compra, tem levado as empresas norte-americanas a desenhar campanhas publicitárias de alcance nacional, especificamente dirigidas a esses segmentos.

Foram realizados negócios nos EUA entre as grandes empresas e as empresas definidas como de minorias raciais, movimentando um volume de negócios superi-

or a US\$ 70 bi, no ano de 2003. A título de comparação, o Brasil tem uma expectativa de exportações para 2004 na ordem de US\$ 80 bi. Isto indica uma economia empresarial muito forte no mercado combinado de latinos e negros norte-americanos.

No tocante ao turismo, segundo a publicação "Black Meetings and Turism" (BM&T), a comunidade afro-americana gasta US\$ 35 bilhões em viagem de lazer e de negócios.

O setor reflete o crescente poder de compra desse segmento da população norte-americana. Segundo, a BM&T, o mercado de turistas afro-americanos é o mais dinâmico do setor, tendo crescido

mercado
de grupos
étnicos.

16% nos últimos dois anos, enquanto o setor como um todo cresceu apenas 1%. A população negra norte-americana tem representado nos últimos anos cerca de 17% das viagens de lazer, enquanto sua participação relativa no total da população é de 13%.

As estatísticas recentes daquele mercado consumidor, e em particular a forte influência em nossa cultura por parte dos descendentes dos negros, potencializam as possibilidades de exploração comercial deste diferencial mercadológico-único no mundo, dadas as similitudes dos matizes das populações brasileiras e norte-americanas.

Tenho acompanhado a movimentação de empresários negros norte-americanos e brasileiros e posso registrar uma tímida evolução, talvez um primeiro passo, com

o início de vôo charter de Nova Iorque para Salvador no início do próximo ano.

Isto, creio, será uma “ponte” pioneira que servirá para encurtar as distâncias entre o empresariado brasileiro e este enorme mercado étnico que se disponibiliza para o crescimento favorável da balança comercial brasileira em um mercado altamente sofisticado, com elevado nível de poder de compra e muito pouco explorado pelo empresariado brasileiro.

O esforço para a identificação de oportunidades de negócios na área comercial e de turismo entre as comunidades negras brasileira e norte-americana poderá beneficiar-se do bom relacionamento mantido com o ”National Minority Supplier Development Council (NMSDC)” e com a ”Congressional Black Caucus Foundation” (CBCF), cujos representantes vieram diversas vezes ao Brasil e ajudaram a constituir entidade congênere no Brasil, o Integrare - Centro de Integração de Negócios.

Em junho, importante missão empresarial negra norte-americana visitou o Brasil para buscar oportunidades de negócios nas áreas de energia, telecomunicações, informática e componentes eletrônicos.

Esses dados indicam um enorme potencial que o Brasil, através do setor privado – sem prescindir das políticas e ações de governo, deve explorar de forma mais agressiva.

Rubens Barbosa, consultor, foi embaixador do Brasil nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha



Para a África, voe com a SAA. E veja o mundo de um jeito bem diferente.

aroldoaraujo



Quem voa com a SAA tem os olhos voltados para o mundo. Um mundo sem fronteiras, livre e rico em diversidades. Seja para a África, Ásia ou Áustrália, o destino de nossos passageiros é um só: ver o mundo de um jeito bem diferente.



**SOUTH AFRICAN
AIRWAYS**

De olhos voltados para o Mundo.

(11) 3065.5115 • 0800 11 8383
saabrasil@saabrasil.com.br

Voe SAA e acumule milhas
no seu programa

Smiles

O Brasil atravessa um momento econômico razoável e deve fechar o ano com crescimento do PIB superior a 4%. Recordes são batidos na produção agrícola, enquanto aumenta a produtividade da indústria e dos serviços.

O quadro externo é favorável e não apenas em termos de aumento das exportações. Como as taxas de juros internacionais estão muito baixas, o volume de recursos disponível para países emergentes como o Brasil é maior do que no passado recente.

O risco de quem investe em papéis brasileiros hoje é bem menor, com cenário externo positivo, liquidez elevada e a percepção de que o Brasil se esforça para cumprir contratos e manter austeridade nas contas públicas, elevando, inclusive, o superávit primário para 4,5% do PIB.

É a partir desses resultados macroeconômicos que fica mais difícil entender e aceitar a política monetária ultraconservadora do Banco Central, que não apenas interrompeu a trajetória de queda da taxa Selic, como tomou a incompreensível decisão de aumentá-la em dois meses consecutivos.

Os efeitos disso já podem ser notados: as taxas ao consumidor final voltaram a subir, o volume de crédito e os prazos de financiamento pararam de melhorar. Inevitavelmente, o comércio sofrerá as consequências com a desaceleração do crescimento do setor, que vinha esboçando uma recuperação, depois de amargar pesadas perdas em 2003.

A alta da Selic não se justifica como forma

de conter a inflação, que se tem mostrado sob controle. Não há pressão de demanda capaz de causar um aumento nos preços dos produtos. A partir de uma pequena recomposição da renda, o consumidor conseguiu realizar a compra de um produto, planejada durante meses. Isso não deve ser visto como fator prejudicial, mas como importante sinal de reativação da economia.

autoridade monetária.

Taxas de juros elevadas não prejudicam apenas o comércio, mas o conjunto da economia do País. Elas desestimulam o investimento produtivo, porque os investidores passam a preferir aplicações financeiras, oneram a dívida pública, exigindo maior sacrifício para a sua administração e rolagem. Ao final, instala-se o círculo vicioso perverso: maior carga tributária, menor capacidade de investimento do setor público e novas altas dos juros.

ma taxa contra o país

Os aumentos internacionais do petróleo têm efeitos ínfimos nos índices de preços ao consumidor. Esse fator parece ser usado apenas para tentar justificar a posição excessivamente conservadora da

Abram Szajman, presidente da Federação e do Centro do Comércio do Estado de São Paulo e presidente do Conselho de Administração do Grupo VR



O tratamento discriminatório dado ao negro continua a desafiar o governo e a sociedade brasileira. Durante muito tempo, autores conceituados escamotearam o preconceito afirmando que o país era uma democracia racial. Esse mito foi defendido pelo interesse das oligarquias que utilizavam termos preconceituosos como, por exemplo: "esse negro é bom", "é um negro de alma branca".

Os livros didáticos omitem nossa história. Até os próprios negros desconhecem a contribuição que demos para o País. Não têm consciência que, durante 350 anos, a atividade produtora era realizada pelo braço de nossos antepassados porque as elites brancas consideravam o trabalho uma vergonha. As crianças negras não se vêem representadas nos livros, nem nos meios de comunicação. Temos figuras exponenciais na literatura, artes plásticas, imprensa, teatro, cinema e televisão. A maioria é relegada a papéis secundários.

Um negro como eu, que chegou a vereador, prefeito de Porto Alegre, governador do Rio Grande do Sul e ao quinto mandato de deputado federal, é uma exceção, e uma raça não pode viver de exceções.

Nossa representação nos partidos políticos e no Parlamento é a prova contundente da discriminação e falta de oportunidades. A porcentagem nacional de afro-brasileiros (pretos e pardos) é de 47 %, segundo o IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, mas somos minoria no Congresso. Em consequência, há dificuldade para aprovar políticas públicas que nos dêem oportunidades iguais ou reconheçam a necessidade de medidas compensatórias.

Se examinarmos as pesquisas feitas no campo social, principalmente pelo IBGE, verificamos que o trabalhador negro ganha a metade do que o branco e que as mulheres negras recebem muito menos. Também comprovamos que a maioria dos afro-descendentes se encontra marginalizada nas periferias dos centros urbanos sofrendo toda a sorte de privações.

Esta realidade é uma face do tratamento cruel e desumano dado a nossa raça. O negro foi arrancado à força de sua terra, trazido acorrentado em porões de navios imundos. Quem não morria no trajeto era vendido como mercadoria e separado de sua família, perdendo os referenciais. Depois de três séculos, a escravidão foi considerada economicamente desvantajosa. O negro recebeu a liberdade e foi atira-

do à própria sorte, sem nenhum incentivo do Estado.

Na luta contra a Abolição, participaram centenas de brasileiros de todas as raças, grupos como a maçonaria e instituições como o exército.

Um dos mais ativos defensores de nossa igualdade foi o senador negro Abdias do Nascimento, do PDT, pela suas denúncias contra o racismo dentro e fora do Parlamento.

Nossa luta não é contra outras raças ou etnias. Nós negros não somos superiores, nem inferiores. Somos iguais. É preciso que tenhamos consciência disso. É necessário que nossas crianças tenham auto-estima. Tenham orgulho de serem negras.

Queremos também o reconhecimento da dívida social - relativa a 350 anos de trabalho escravo - que a sociedade brasileira tem em relação aos negros e negras de nosso país. Há necessidade urgente de implantar ações afirmativas em busca da igualdade de oportunidades.

As cotas na Universidade podem ser o início do reconhecimento das desigualdades, uma vez que só 2% dos universitários são negros. Essa proposta não é uma panacéia para curar as feridas abertas na alma coletiva do negro, mas uma forma para corrigir as monumentais injustiças sofridas por nossa raça no Brasil.

As cotas serão importantes para a participação do negro na elite pensante do país e em todas as escadas da sociedade.

Um dos aspectos mais importantes é promover a auto-estima da raça. As crianças e os jovens negros precisam de modelos para ter consciência que podem crescer na vida.

*Alceu Colares
Deputado Federal*



O governo Lula inaugurou uma nova fase na relação da sociedade brasileira com a população afro-descendente. Ao assumir a Presidência, criou uma estrutura específica para tratar do assunto – a Secretaria Especial de Promoção de Políticas Públicas para a Igualdade Racial (Seppir); iniciou a regularização das comunidades quilombolas; apresentou projeto que instituiu a Cultura Africana como disciplina nas escolas, entre outras medidas. Estas ações fizeram o Brasil despertar para uma realidade já conhecida dos militantes dos movimentos afros: há uma grande desigualdade entre negros e brancos em nosso País, apesar da tão disseminada idéia da democracia racial. E neste cenário, as iniciativas do governo federal tornam-se ainda mais importantes, mas não suficientes.

O governo central precisa ter apoio das administrações municipais para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas aos negros e aos afro-descendentes.

Os prefeitos não podem ignorar as dificuldades de integração racial dentro dos limites da cidade, como se a questão só devolvesse ser discutida em âmbito nacional. Até porque, dados do IBGE apontam as diferenças entre negros e brancos, inclusive, no que se refere ao acesso a serviços

de água e esgoto, por exemplo, certamente é uma realidade nos municípios. Aliás, as prefeituras deveriam se preocupar em obter dados mais consistentes sobre a população negra em suas cidades

nuances da formação do povo brasileiro e de sua cultura não somente por meio dos livros e sim pela capacidade de conviver e reconhecer no outro uma parte de si mesmo.

Como prefeito eleito da cidade de Suzano, tenho no programa de governo esta prioridade. Mais do que uma política governamental é um compromisso com o povo negro, que ao longo de séculos de existência continua sucumbindo às práticas racistas, e que inclui, certamente, a participação de seus representantes nas equipes de trabalho do governo.



a fim de desenvolver com mais precisão as suas políticas e, simultaneamente, ampliar o debate em torno das outras culturas que convivem no espaço do município.

O desenvolvimento de políticas de inclusão racial deve, sim, priorizar os afro-descendentes, mas não de forma a excluir as demais culturas. A idéia de criar uma política de integração racial supõe olhar a cidade como um grande caldeirão, onde todos podem e devem perceber as

ualdade racial como política dos municípios.

É crucial, portanto, a concretização da parceria entre município e governo federal para que a política de igualdade racial seja eficaz e dê os resultados esperados. E, dessa forma, a sociedade perceba que tratar deste assunto, não é prerrogativa de um único governo ou partido, mas uma responsabilidade de todos.

*Marcelo Cândido
Prefeito de Suzano*



Foto: Geraldo Magela



dívida da escravidão

A idéia abolicionista surgiu no fim do século XVIII, e seus marcos iniciais foram o alvará de abolição gradual em Portugal de d. José I (leia-se de Pombal), de 1773, o Pennsylvania Gradual Abolition Act, de 1780, e as proibições do tráfego pela Dinamarca em 1792 e

pela Inglaterra em 1807/8. A emancipação nas regiões escravistas começou 40 anos depois da revolução francesa e se concretizou em menos de 60 anos. No Brasil a discussão não fez parte do sonho mineiro, só começou com Antônio Carlos na revolução pernambucana de 1817. José Bonifácio pensava

que o equacionamento da liberdade dos negros, com sua integração completa à sociedade, era uma preliminar da definição do Estado brasileiro. Era tempo de começar a "exiação de nossos crimes e pecados velhos".

E insistia: educação, amparo à maternidade e à velhice, integração econômica e social têm que acompanhar a extinção do tráfego e a libertação. "Sem a emancipação dos atuais cativos, nunca o Brasil firmará sua independência nacional, segurará e defenderá a sua liberal constituição. Sem liberdade individual não pode haver civilização, nem sólida riqueza; não pode haver moralidade e justiça, e sem estas filhas do Céu, não há nem pode haver brio, força e poder entre as nações."

Sob a pressão inglesa, fizemos a lei de 7 de novembro de 1831 (Barbacena), proibindo o tráfico e emancipando os africanos: Todos os escravos que entraram no território ou portos do Brasil, vindo de fora, ficam livres. Ela devia significar a liberdade de pelo menos metade dos escravos, naquele momento, e de mais 1 milhão trazidos de 1831 a 1850. Era uma lei para inglês ver. Tão grande era a consciência da hipocrisia conveniente que nunca se mexeu na lei de 1831, pois significaria reconhecer a existência da contradição. À desfaçatez das assembléias de Bahia e Minas que pediam a revogação da lei para não serem obrigados a violá-la todos os dias, somava-se, mais forte, o silêncio conveniente de magistrados e legisladores.

Mas nossas leis de resto deixavam um vazio jurídico que, literalmente, colocava os escravos fora da lei. Teoricamente quem vivia no Brasil ou era cidadão brasileiro – e portanto, sob a proteção da Constituição, não poderia ser escravizado – ou era estrangeiro ou apátrida – e a lei brasileira não podia alcançá-lo.

Permaneceu como caminho o processo que José Bonifácio dizia ser de "se tornar de pessoa a coisa". Corta-se a elas todas as estruturas sociais, sejam as coletivas como as familiares. Rompem-se os traços de valor ético, político, afetivo. Não há qualquer esforço – nem sentido – para o desenvolvimento intelectual, social,

moral. O senhor tem, sobre o escravo, um poder que não encontra fronteiras nos mais terríveis exemplos: o direito de ser senhor dos próprios filhos, o direito de prostituir, de fazer trabalhar sem descanso, de despedaçar famílias, de punir como quiser...

Quebre-se a tragédia coletiva em um milhão de tragédias individuais; estenda-se a dor e a miséria pelas sucessivas gerações; declare-se que isto é normal – e teremos o lado humano, a infinita mancha que o Brasil ainda precisa resgatar. Ainda valem, hoje, as palavras de Nabuco: a questão do negro "versa sobre as aspirações, os sofrimentos, as esperanças, os direitos, as lágrimas, a morte de milhares e milhares de gentes como nós; que não é [...] uma questão abstrata, mas concreta, e concreta no que há de mais sensível e mais sagrado na personalidade humana".

Mas a escravidão negra nunca conseguiu se tornar um tema do pensamento nacional. Era tratada com grande naturalidade, como um fato da vida. As raras vozes são exceções.

Eusébio de Queirós esclarecia, a respeito do tráfico, em 1852, que a coligação dos interesses de proprietários rurais e traficantes era a força dominante da política brasileira. Força que segurava as discussões da liberdade, até mesmo no Conselho de Estado, com Nabuco de Araújo, Pimenta Bueno (a voz de Pedro II, pela emancipação gradual), Jequitinhonha, Souza Franco, Salles Torres Homem combatidos por Olinda, Paranhos, Eusébio. Força que fará com que os grandes passos sejam dados pelos conservadores, com: Eusébio, Rio Branco e Ouro Preto.

Feita a abolição, os negros foram tratados como um fundo de tacho, sem importância bastante para receber uma atenção especial do Estado. A República os ignorou. Quando o pensamento brasileiro se voltou para eles, com o gênio de Gilberto Freire, constatou seu papel fun-

damental em nossa formação; mas demoramos a tratar do problema da integração social, do resgate de nossa dívida, do gigantesco problema humano que alienou entre os mais pobres dos mais pobres toda uma parte dos brasileiros, tornando o branqueamento necessidade fundamental da ascensão social. O negro continuou, ao longo do tempo, sendo tratado como um não humano, como coisa, sem direitos.

Há nisto um dilema que atravessa a vida brasileira e todo o nosso desejo de progresso. Jequitinhonha já lembrara, no Conselho de Estado, que o edifício social assentava sobre a base estreita e pouco segura, a divisão em duas classes - a dos senhores e a dos escravos, e nossos males econômicos e sociais vêm desse vício orgânico.

Sem considerar o ser humano em sua plenitude, acima das diferenças individuais, não há civilização, não há Estado, não há nação. Eles não podem se fundar no roubo da liberdade, na proscrição social ou econômica. A felicidade do homem é a função do Estado, seja ela representada pela superação do medo da morte, como queria Locke, seja pelo "welfare" que fez a democracia no século XX. O século XXI precisa resolver a igualdade, repor o valor do homem, superar, definitivamente, a discriminação e a injustiça. O Brasil precisa resgatar os erros de seu passado para construir o seu futuro.

A página mais vergonhosa da História do Brasil é a escravidão. E a mais bela é a consciência nacional que se formou, unânime, contra as injustiças cometidas com o africano. Foram demonstrações individuais e coletivas que marcam o sentimento de um povo.

*Senador José Sarney
Presidente do Senado Federal e Membro
da Academia Brasileira de Letras*

Em determinadas fazendas brasileiras, se uma escrava se envolvesse com o seu "Senhor" e a esposa porventura descobrisse, a pobre mucama era pregada pelo lábio na porta da senzala por vários dias para servir de exemplo às outras negras. Histórias bárbaras como essa, passadas de geração em

geração, portanto algumas sem comprovação acadêmica, só deixam mais claros os motivos que levavam os negros presos e humilhados nas fazendas a fugirem para o sertão adentro a procurarem os recantos mais isolados e de difícil acesso para formarem seus quilombos.

Alguns acadêmicos referiam a essas comunidades como locais em que se escondiam bandidos negros, numa das maiores incompreensões de percepção histórica. Os quilombos eram, na verdade, fortalezas para proteger a liberdade dos negros e permitir que, em meio à hostilidade da sociedade escravista, uma vida digna e mais próxima de sua cultura - primeiro africana e depois afro-brasileira - fosse vivida. Ainda há espalhadas pelo país inúmeras comunidades quilombolas remanescentes que, da luta contra a escravidão, passaram agora à luta pela preservação da sua história. Elas obtiveram uma grande vitória quando a Constituição de 1988 lhes garantiu o direito a posse das terras que ocupam. Mas isto é só o começo. Os quilombolas do século 21 se esforçam para preservar – ou mesmo recriar – a cultura de seus antepassados e desenvolver a economia de suas comunidades, em especial a agricultura. O objetivo é garantir o direito a uma vida digna, cujo poder afirmativo esteja acima da pura subsistência. Uma pesquisa a respeito desse tema realizada pelo Instituto Federal Sócio Ambiental indicou que apenas 1% das comunidades quilombolas possui título de propriedade. Ou seja, de todas as duas mil comunidades quilombolas existentes no Brasil, pouco menos de 30 possuem suas

terras

A pesquisa é datada de setembro de 2003 e demonstra o enorme desafio que assumir em prol da preservação da nossa cultura afro-didente.

Um exemplo de que o conjunto pode trazer resultados é o Programa Moradias Quilombolas, no de São Paulo, que foi criado para promover condições habitacionais às comunidades quilombolas desta região. O projeto é uma iniciativa da Secretaria de Estado da Habitação, por meio da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), em parceria com a Secretaria de Estado da Justiça e Defesa da Cidadania e com os municípios.

Trata-se de uma iniciativa pioneira que promove o resgate dos valores históricos dos quilombolas e a valorização de suas manifestações culturais, bem como a preservação de seus usos e costumes. A atuação do programa é voltada para comunidades reconhecidas e indicadas pelo Instituto de Terras do Estado de São Paulo (Itesp).

Já foram firmados protocolos de intenções com sete prefeituras para a construção de

esgate da cidadania aos afro-descendentes

708 moradias. Os acordos beneficiam 17 comunidades quilombolas no Estado e as casas serão implantadas em duas etapas. Primeiro serão atendidas 150 famílias que vivem em quatro comunidades e já receberam o título de domínio de suas terras nos municípios de Iporanga e Eldorado. Depois, será a vez das comunidades cujas terras ainda estão em processo de titulação. Nessa etapa serão construídas 558 moradias em 13 comunidades localizadas em Eldorado, Salto de Pirapora, Ubatuba, Itapeva, Iporanga, Iguape e Cananéia. Esse trabalho demonstra que, com a mobilização de todos, estamos conseguindo pontuar algumas soluções. A história dos quilombos só pode ser compreendida olhando-se para trás, remetendo-se à origem dos fatos. Mas ela só poderá ser revivida se voltarmos os nossos olhos para o futuro.

Raul do Valle, diretor presidente da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano de São Paulo



Cerca de metade da população de nosso país é composta por afro-brasileiros. Mas, se as pesquisas realizadas não nos mostrassem isso, o que diríamos se apenas analisássemos o que a mídia nos mostra? Talvez tivéssemos a idéia de um país cuja população se assemelha fisicamente aos europeus. A verdade é que o Brasil é um país miscigenado e isso é o que deveríamos ter reproduzido em nossos meios de comunicação. Brancos, negros, índios, enfim,

toda a diversidade racial representada sem que houvesse os tradicionais estereótipos.

No caso da população afro-brasileira, percebemos que a experiência já teve início, mas de maneira muito tímida. A participação de negros na mídia está crescendo, porém, infelizmente, nós ainda ocupamos postos de menor destaque que os ocupados

pelos
mas de
geralmente
sentando
baixo prestígio
motoristas,
domésticas e
exceções são raras.
também os que repre-
população das camadas
pobres e os marginalizados.
Há dois anos, o professor
da Universidade de São Paulo,
Hélio Santos, em entrevista ao
Cinemando disse: "a mídia reflete
os valores da sociedade. A sociedade
brasileira é uma sociedade ibérica, que
trabalha bem com os privilégios, tra-
balha de uma maneira muito eficaz no sen-
tido de manter os privilégios. Logo, a mídia
brasileira não poderia ser diferente do resto da
sociedade, que discrimina o negro de uma
maneira muito velada". Ou seja, a postura é
cultural. Ainda temos em nossa sociedade
resquícios dos conceitos pós-abolição.
Essa é uma das razões que nos leva a defender
a participação da mídia para que ocorra uma

transformação cultural. Para que seja alterado o posicionamento dos brasileiros em relação à população negra, independente da raça. A realidade social de nosso país, infelizmente, faz com que diversos grupos sejam prejudicados. Cabe a nós perceber isso e iniciar a mudança. Quantos de nós não conhece afro-brasileiros que ocupam postos de destaque? Médicos, advogados, artistas, esportistas, engenheiros, jornalistas, professores, políticos e tantos outros? Certamente muitos.

Não inserindo afro-brasileiros nos mais diversos veículos e programas, a mídia contribui para aumentar a distância entre brancos e negros. Por que razão não podemos aparecer nos meios de comunicação de maneira semelhante aos descendentes de outras raças?

Ao colocar afro-brasileiros representando importantes - no teatro, cinema e exemplo, a contribuindo para que a população negra melhore sua estima. A presença de negros

nos meios de comunicação social é fundamental para a construção da

imagem, da identidade de nosso povo. Contribui para que acreditemos que podemos alcançar novos postos.

Para que nossas crianças tenham exemplos a seguir, para que se orgulhem de seu cabelo e da cor de sua pele. E, por outro lado, colabora para que os não negros aceitem a participação dos negros nos diversos campos.

Foi com esse propósito que, há seis anos, propusemos cotas para a participação dos afro-brasileiros nos programas de televisão, no cinema, no teatro e nos anúncios publicitários. Medida que também consta na proposta de Estatuto da Igualdade Racial. O que vemos

atualmente é que, por mais que estejamos avançando, a mídia ainda não reproduz a diversidade racial brasileira. É por essa razão que defendemos a adoção de algumas medidas via leis. A idéia é que, futuramente, as conquistas de hoje sejam direitos naturais aos negros e aos não negros.

Acreditamos que o Estatuto seja aprovado em 2005, ano em que lembramos os 310 anos da morte de nosso grande herói Zumbi dos Palmares. Também no próximo ano, em novembro, estaremos realizando a Marcha sobre Brasília "Zumbi + 10". Esperamos que exemplo dos Estados Unidos que tem um feriado em homenagem a Martin Luther King, possamos aprovar o dia 20 de novembro como feriado nacional. É válido ressaltar aqui que, enquanto a população norte-americana é composta por 11% de negros, o Brasil conta com mais de 50%.

Assim, por que o 20 de novembro, data símbolo da liberdade do negro, não pode ser feriado? A intenção é que, nos próximos anos, nessa data possamos lembrar e debater questões ligadas à população negra. E, para isso, contarmos com o apoio das mídias escrita, falada, televisionada, enfim, para combatermos as discriminações ainda tão latentes neste país chamado Brasil.

Senador Paulo Paim (PT-RS), Vice-presidente do Senado Federal e autor do projeto de lei nº 213/03 que institui o Estatuto da Igualdade Racial

ídia:
agente de
mudanças
culturais



Política Cultural e Afro-descendentes

O Brasil é um país caracterizado pela multiplicidade cultural e pela integração de diferentes etnias. Tornou-se reconhecido em todo o mundo principalmente por suas raízes negras, fincadas em todo o seu ambiente - no folclore, nas danças, nos ritmos, na gastronomia, credos e gente. Contudo, as estatísticas confirmam um fato angustiante: em pleno século XX, o povo que nos legou sua tradição é a grande parte dos excluídos socialmente. Segundo pesquisa do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (IETS), o número de habitantes negros e pardos pobres é quase o dobro do total de brancos na mesma condição. O país ostenta 37,6 milhões de habitantes pobres que integram famílias chefiadas por negros. Entre os brancos, há 20 milhões de pobres.

Em todos os setores da política pública sempre se discutiu a construção de meios de combate a essa exclusão social. Mas, esta meta torna-se improvável sem elementos que permitam primeiramente a inclusão cultural. Uma política cultural que celebre a contribuição da comunidade afro-descendente e desenvolva orgulho de pertinência é, neste sentido, fundamental. Por meio dela é possível resgatar a identidade cultural brasileira e possibilitar a transformação social. Afinal, a cultura simultaneamente reflete e conforma o comportamento humano, os valores éticos e morais, a consciência coletiva dos cidadãos.

Quando cheguei à Secretaria de Estado da Cultura, deparei-me com o desafio de fazer da pasta o vetor de um projeto maior, de

inclusão cultural de todos os paulistas. Estabeleci, sob a liderança do Governador Geraldo Alckmin, como meta a definição de uma política cultural como política pública, que permitisse reforçar o conceito de cidadania por meio do acesso à cultura. Neste sentido, o papel do Estado aparece como o de preservar e promover as identidades culturais do nosso povo e ampliar o acervo de estilos culturais a que a população tem acesso. Hoje, infelizmente, a maior parte dos habitantes só tem acesso ao que os meios de comunicação de massa oferecem como cultura válida.

Para enfrentar esta ordem de coisas, optamos por trabalhar a imensa riqueza étnica de São Paulo e a produção cultural que resulta dessa multiplicidade de heranças que se entrelaçam para compor nossa sociedade. Garantir um olhar que inclua a celebração da identidade de matriz africana e o protagonismo cultural negro, realizamos um trabalho de resgate de tradições e, ao mesmo tempo, de abordagem desta comunidade em cada ação desenvolvida. Assim, implantamos o Concurso de Dramaturgia Ruth de Souza, premiando textos teatrais voltados à temática negra, realizamos, na mesma direção, o Concurso Estadual de Literatura Carolina de Jesus, distribuímos cartilhas de promoção do hábito de leitura entre famílias negras, implantamos cinco bibliotecas em quilombos, estabelecemos como oficina regular oferecida pela Secretaria, na capital e no interior, cursos de História das Culturas Africanas e Afro-brasileiras e de Dramaturgia Negra. Iniciamos, ainda, ofi-

cinas de preservação de espaços culturais como clubes negros em todo o estado de São Paulo e adotamos o princípio da diversidade em cada um dos nossos Conselhos, como o Conselho Estadual de Cultura, o Conselho Paulista de Cinema e o Conselho Paulista de Leitura.

Neste mês da Consciência Negra optamos por ir mais longe. Depois de instalar 187 cameratas e orquestras de jovens do Projeto Guri em áreas de risco social em todo o estado de São Paulo, inclusive em cada uma das unidades da Febem, com um resultado musical e social expressivo, estamos agora implantando a orquestra da Amizade Brasil África, em parceria com a Faculdade Zumbi dos Palmares, a primeira instituição brasileira de ensino superior que prioriza o segmento dos afro-descendentes. As manifestações culturais são capazes de mudar o ser humano. Sua linguagem universal sensibiliza, comove, arrebata e estabelece entre artistas e o público conexões e sintonias inquebrantáveis. E é justamente o contato com essas experiências transcendentais e transformadoras que nossa Secretaria está buscando levar aos chamados excluídos. Acreditamos que a arte e a educação constituem um dos caminhos mais seguros para a aquisição da cidadania. É fundamental instigar principalmente nos jovens a capacidade de sonhar e de concretizar um futuro melhor.

Claudia Costin é Secretária de Estado da Cultura. Foi Ministra Federal da Administração Pública e Reforma do Estado.



**A Nestlé faz bem
aos brasileiros há 83 anos.
E todo dia tem
alguém comemorando.**



Good Food, Good Life

A Nestlé faz tudo para melhorar sua qualidade de vida e seu bem-estar.

A gente nunca mediu esforços para dar a você produtos mais gostosos e mais saudáveis. Porque tudo o que a gente faz a gente faz bem-feito.

www.nestle.com.br

A cirurgia plástica tem um papel muito importante para atingir a saúde. A primeira idéia que nos vem, quando se fala em Cirurgia Plástica, é na estética e beleza.

Na verdade, cirurgia plástica comprehende muito mais reparação, reconstrução do que propriamente cirurgia de embelezamento.

O grande volume de pacientes, atendidos pelo cirurgião plástico, necessita de tratamentos para retornar com dignidade, ao convívio da sociedade, como: vítimas de queimaduras, vítimas de acidentes, pós retiradas de tumores cutâneos, os que sofreram retirada de órgãos (câncer de mama, etc.) e reconstruir aqueles que nasceram com más formações congênitas (fissura palatina, microtia, etc.).

Como se pode ver, a cirurgia de embelezamento não corresponde ao maior volume de nosso trabalho, mas isto não a coloca em segundo plano. Relembrando o conceito de saúde- "bem estar físico e mental", para que uma pessoa se sinta bem, é necessário que o seu aspecto externo esteja em harmonia com o interno. Se uma pessoa não está em paz com a sua imagem, é papel do cirurgião plástico tentar harmonizar o conjunto, através de técnicas operatórias (mamoplastia, cirurgia de abdomen, rinoplastia, cirurgia de levantamento facial, lipoaspiração, etc).

Atualmente, a cirurgia plástica tem evoluído muito na estética, com inúmeros estudos que visam melhorar a qualidade de nosso revestimento cutâneo (pele), utilizando métodos superficiais (cremes hidratantes, esfoliantes, etc.) e profundos (laser, toxinas, substâncias de preenchimentos).

É importante lembrar que a cirurgia plástica não se propõe a fazer mágicas, sempre vamos procurar melhorar a harmonia dos órgãos, vamos trabalhar os existentes,

nunca propondo mudanças radicais e sempre procurando manter a identidade individual.

A especialidade cirurgia plástica já existe há milênios antes de Cristo. A SUSHRUTA (4000aC.) no livro sagrado dos hindus, chamado de AYURVE-

DA, já citava a reconstrução nasal, cirurgia realizada até hoje. O cirurgião plástico, portanto, tem papel muito importante para se atingir a SAÚDE PLENA.

PELOS
CONCEITOS
MÉDICOS, SAÚDE
QUER DIZER BEM
ESTAR FÍSICO E
MENTAL.

Cirurgia
Plástica

Dr. Odo Adão,
cirurgião plástico.





nou os longos fios conservados há anos, aderindo a um *black power* que virou sonho de consumo entre as mulheres.

Graças a essa vontade de manter viva nossa cultura e nossas origens, naturalmente, o preconceito em torno do que é feio ou bonito foi se desfazendo, especialmente no Brasil.

Apesar de representarmos 44% da população do país, nossa beleza sempre foi subestimada. De exóticos, começamos a virar referência no Brasil a partir do fim da década de 90. E para

beleza, pura beleza! A lista de homens e mulheres bonitas é interminável. Valéria Valençsa arrasando há anos em espaço nobre na Rede Globo e conseguindo algo fantástico: ter de apelido o nome da emissora. Isabel Fillardis, atriz competente, de sorriso invejável. Thalma de Freitas, revelação da música brasileira. Começou como atriz, mas o sangue de filha de maestro falou mais alto, dando voz ao seu talento. Alexandre Pires, um negro baixinho que passou a arrasar corações na Europa e nos Estados Unidos. Já vou chegar em algum lugar... Só quero fazer mais algumas colocações. E pensar que tudo isso, esses sorrisos, essas belezas esculpidas em negro, não têm por trás uma indústria pesada de cosméticos, de moda, de nada.

Até hoje, têm mulheres negras que não se acertam com a maquiagem, com o tom certo de base ou do corretivo. Depois de citar artistas e relacioná-los a beleza particular de cada um,

eleza Negra

Black is beautiful. Essa frase que marcou as décadas de 60 e 70 e virou tema de música interpretada por Elis Regina. Ser negro virou moda. O *black power* passou a ser desejado pela mais loira das mulheres e pelo mais descolado dos homens.

Encontrar em nós, negros, referência de moda e de estilo, parecia algo impensável até algum tempo atrás. Nossa persistência e capacidade de não se acomodar, acabou constituindo, lentamente, conjunto invejável de conceitos estéticos copiados e reproduzidos. Os *dread locks*, por exemplo. Lenny Kravitz, antes de se render a chapinha e aos fios escorridos, encantou fãs pelo mundo todo e até Nicole Kidman. Paula Lima, recentemente, criou novo estilo: *dread locks* amarrados em um impecável coque. O *black power* é outro fenômeno da cultura negra. Macy Gray fez um show em Porto Alegre, há um mês, ostentando uma incrível e invejável cabeleira. Luciana Mello abando-

isso, a mídia tem sido bela parceira. Ao protagonizar a novela Da Cor do Pecado, este ano, e Xica da Silva, em 1996, Taís Araújo voltou a romper a barreira do preconceito na TV, virando em seguida estrela de comerciais e até nome de sandália. É justo lembrar que em 1984, Zezé Motta ocupou espaço importante na novela Corpo a Corpo. Porém, naqueles tempos, sua atuação foi questionada. Ao fazer par com Marcos Paulo e trocarem beijos em cena, a opinião pública reagiu de forma maldosa. O ator chegou a ser questionado por fãs se estava precisando de dinheiro para se submeter a tal "humilhação".

Outra contribuição importante está sendo a de Netinho de Paula. Ele lançou o concurso As Mais Belas Negras do Brasil, abrindo espaço a meninas que não sabiam como ou a quem recorrer para tentarem à carreira de modelo. Essas explicações têm algum sentido, antes de entrar no tema propriamente dito da

arrisca aqui a fazer uma relação entre a beleza negra e nós, negros: a atitude nos diferencia. Não que sejamos mais belos, mas essa beleza vem acompanhada de algo mais, na esmagadora maioria dos casos: atitude e conteúdo. Assim é Alexandre Pires, Macy Gray, Luciana Mello, Thalma de Freitas, Zezé Motta, Isabel Fillardis, Taís Araújo, Valéria Valençsa e mais centenas de milhares de negros e negras que circulam por aí sorrindo, desfilando, trabalhando 12, 15, 18 horas por dia, cantando, atuando ou cuidando dos filhos.

Essa beleza com jeito de raça, com graça, divertida, nunca sisuda ou introvertida.

Sim, é isso. A atitude, de fato, é o que nos diferencia.

Deise Nunes
Miss Brasil 1986

Excelência para os afro-descendentes

Há 17 anos, Maria do Carmo Valério está à frente da marca de cosméticos pioneira para pele negra no Brasil, a empresa Espaço Cor da Pele, que produz a linha Muene – excelência, em dialeto africano. Exemplo aos que querem desenvolver projetos próprios e em benefício da comunidade a qual pertencem, Maria do Carmo empenhou-se em suprir uma necessidade dos afro-descendentes: a apresentação em filmes, fotos, revistas, com os produtos e maquiagem adequados para o tipo de pele. Esta trava para o aparecimento da raça negra, segundo define a empresária, foi banida após a criação da Muene, que, como um novo empreendimento, precisou superar

dificuldades. "A empresa passou por sérios obstáculos, inclusive no processo de alvará para fabricação, que é dolorosamente complexo", informa a empresária.

Com experiências anteriores na área de cosméticos, Maria do Carmo investiu na pesquisa destes produtos para a pele negra. "Não havia nada que ressaltasse a beleza natural da raça negra e que não falasse do exótico, em vez do belo", explica. "A minha trajetória tem sido alternada com grandes emoções, desde mulheres negras com trauma de usar maquiagem, devido ao medo de experiências constrangedoras, como a minha em uma emissora de TV, quando fiquei branca por não haver maquiagem

específica para negros, até o prazer de ver Ruth de Souza, Zezé Motta, Leci Brandão, entre outros, usando Muene."

A aceitação da diversidade racial no Brasil, para Maria do Carmo, impede que os negros tenham mais empregos e projeção nos cargos de trabalho e tornem-se empresários, inclusive de artigos voltados à própria comunidade. "Esta agressão exige luta contínua", conclui, no auge dos 72 anos, empenhada na busca pela igualdade e pelo desenvolvimento da raça negra.

*Maria do Carmo Valério
Espaço Cor da Pele, Muene*



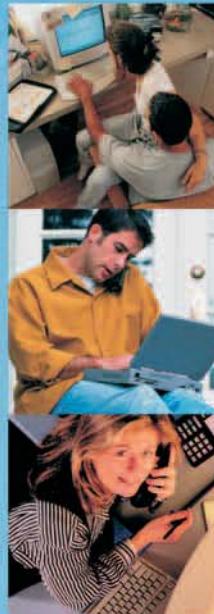


Passageiros com destino a qualquer lugar do Brasil: experimente o E-Ticket VASP.

A maneira mais fácil e rápida de você viajar.

Agora, para viajar pela VASP, você só precisa acessar o site www.vasp.com.br ou ligar para seu agente de viagens que seu bilhete é emitido na hora.

Com o E-Ticket, a VASP oferece ao passageiro uma opção mais moderna de aquisição de passagens através do sistema via internet, onde sua compra fica registrada com total segurança. Além de mais seguro, comprar sua passagem pelo E-Ticket também ficou mais fácil e rápido, da reserva do bilhete ao check-in. E-Ticket VASP. Clicou, voou.

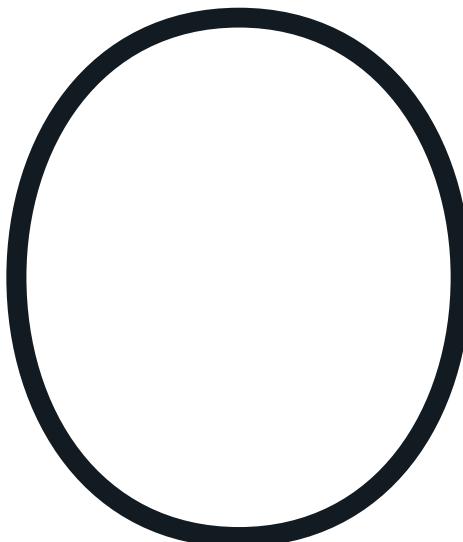


70
VASP
70 ANOS VOANDO COM VOCÊ

Para mais informações,
acesse www.vasp.com.br
e boa viagem.

eTICKET
www.vasp.com.br
RÁPIDO. PRÁTICO E SEGURO.

negro na mídia



jogadores de futebol. As outras emissoras estão começando a agir corretamente. Queremos, apenas, que todos tenham a mesma oportunidade na sociedade. São ações afirmativas que

A televisão é um veículo de massa, senti que tinha obrigação de dar o primeiro passo e abrir caminhos. Tento fazer isso!. Tenho total liberdade para colocar negros no Domingo da Gente, mas não é esse o meu objetivo! Não quero um programa que só tenha negros. Não vivo na África. Quero que as pessoas vejam os negros daqui, com naturalidade!. E que os negros da televisão não sejam vistos como os únicos negros a darem certo, como eu sou visto.

A Turma do Gueto, mudou o senso da teledramaturgia no Brasil e influenciou outras emissoras a darem mais espaço para a raça, que só ganhava destaque em três caminhos: na música, nos esportes ou no tráfico de drogas. A TV brasileira nunca tinha retratado a nossa população como de fato é. O padrão é o europeu: quase nenhum negro, só gente rica e que mora em casarões bonitos. Agora, os negros, poderão também ser atores, além de pagodeiros e

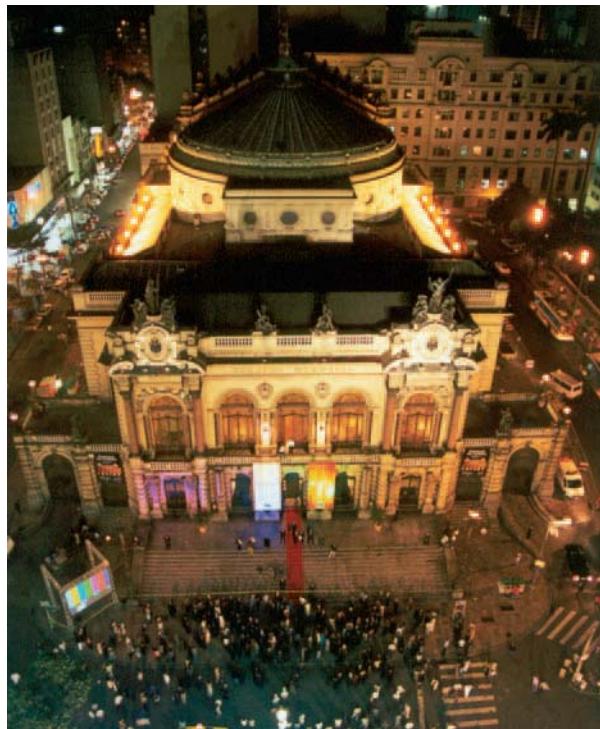
levantam a auto-estima. Temos que usar esse fenômeno para ganhar ainda mais espaços na mídia. Começa a surgir uma geração de ídolos negros, como os que trabalharam em "Cidade de Deus" e "Carandiru". Chegou o momento em que os atores negros, não vão mais fazer só papéis secundários. No cinema brasileiro, não só os atores negros ganharam seus espaços, mas surgem diretores e produtores. As oportunidades não são só para atores. O interesse do mercado publicitário, as agências de propaganda e de modelos, mostram que é mais comum ver negros em *outdoors*, desfiles e comerciais na tv em horário nobre.

O Brasil é um país de pluralidade racial. Somos uma raça que representa quase metade da população. Os veículos de comunicação estão se rendendo, essa abertura do mercado é conquista da luta da nossa raça.



Netinho
de Paula
Músico e
Apresentador
de TV.

A Afrobras – Sociedade Afro-Brasileira de Desenvolvimento Sócio-Cultural, realizou em novembro, na Semana da Consciência Negra, a entrega do "Troféu Raça Negra 450 anos de São Paulo". A primeira edição do "Troféu Raça Negra" foi criada pela Afrobras em 2000, marcando as festividades dos 500 anos de descobrimento do Brasil, para destacar as personalidades negras que contribuíram em diversas atividades, propiciando às futuras gerações o registro da determinação, trabalho,



Teatro Municipal de São Paulo - Entrega I Troféu Raça Negra, Abril de 2000

perseverança e exemplo público na construção e desenvolvimento do Brasil. A festa aconteceu no Teatro Municipal de São Paulo, quando cerca de duas mil pessoas, em sua maioria, negras, participaram do evento. Nos 450 anos de aniversário da cidade de São Paulo - em números absolutos a maior cidade negra do país com 3,3 milhões de habitantes dessa etnia – a Afrobras achou justo e indispensável registrar e exaltar a trajetória e atualidade da participação dos negros na construção do país chamado São Paulo, reverenciando e homenageando ícones relevantes do novo negro que nasce a bordo do terceiro milênio, como forma de fortalecimento, solidificação e superação de novos degraus da Cultura Brasileira.

roféu



raça negra

Foi formada uma comissão que escolheu vários nomes de personalidades negras e não negras, nacionais e internacionais, que tenham se destacado nos vários segmentos culturais, tais como: teatro, cinema, música, televisão e esportes. Além disso, também foram premiadas personalidades do ano cujas iniciativas e ações tenham direta ou indiretamente contribuído para promoção, inclusão, respeito à diversidade, valorização e visibilidade do negro no Brasil e no mundo. Entre eles, o Governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin pelo Programa Estadual de Ações Afirmativas; a Prefeita de São Paulo, Marta Suplicy pela instalação do Museu Afro Brasil e pela instituição do feriado municipal em 20 de Novembro; a jornalista Miriam Leitão pela defesa da inclusão do negro em sua atuação profissional; a Procuradora Geral do Ministério Público Federal do Trabalho, Sandra Lia Simon pela atuação da sua instituição na defesa da inclusão do negro no mercado de trabalho; José Roberto Marinho, pela preocupação da Rede Globo em dar visibilidade aos profissionais negros; Ministro do Supremo Tribunal Federal, Marco Aurélio Mello, Paulo Renato Souza, ex-ministro da Educação; João Carlos Di Gênio, pela contribuição à instalação da Faculdade Zumbi dos Palmares e a Ministra de Promoção da Igualdade Racial Matilde Ribeiro, dentre outros.

Com relação à última edição do Troféu,

em 2000, a diferença foi a criação de duas novas categorias: Conjunto da Obra e Contribuição ao Tema. A escolha desses premiados foi feita pela comissão organizadora. No Conjunto da Obra, os premiados são: Alexandre Pires, Jamelão, Racionais MC's e Elza Soares. Os cantores Tim Maia, Wilson Simonal e

Revista Raça, um dos parceiros do troféu. Além das cartas enviadas com os cupons encontrados na revista, o voto popular também foi dado pelo site do troféu www.trofeuracanegra.com.br, que registrou mais de 10 mil votos. Além da escolha dos premiados, o cupom da revista Raça serviu para selecionar 50 leitores para participarem do evento e - entre os selecionados - duas pessoas foram sorteadas para participar do jantar de gala após a entrega do troféu aos premiados.

"Durante séculos, a existência da escravidão introjetou na mente dos brasileiros livres que os seres vivos da cor negra eram simples instrumentos de trabalho", observa José Vicente. "Por isso", continua, "o Troféu Raça Negra é uma singela contribuição da Afrobras no sentido de reverenciar e homenagear ícones relevantes do povo negro como forma de fortalecimento, solidificação e superação de novos degraus da História e Cultura brasileiras, que permitam construir o País que todos os brasileiros precisam e que os negros necessitam".

O evento, aprovado pelo Ministério da Cultura através da Lei Rouanet, contou com o patrocínio e apoio de grandes empresas, tais como: Banco ABN AMRO Real, Bradesco, Banco Itaú, Caixa Econômica Federal, Colombo, Nossa Caixa, Nestlé e Varig, entre outros.

objetivo do prêmio é reconhecer, exaltar, enaltecer e divulgar o valor das iniciativas, ações, gestos, posturas, atitudes, trajetórias e realizações que tenham contribuído para aprofundamento e ampliação da valorização da raça negra como forma de promover visibilidade social, consolidar paradigmas, promover e incentivar multiplicadores", diz José Vicente, presidente da Afrobras.

A grande festa na Sala São Paulo (SP), em dia histórico - 12 de novembro - contou desde o início do projeto, com grandes parceiros para a sua realização: revista Raça Brasil, Ministério da Cultura, Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, Fundação Palmares.

Branca de Neve receberam homenagem póstuma, com respectivos troféus entregues aos seus filhos. O Troféu Raça Negra mobilizou pessoas do Brasil inteiro. Segundo a vice-presidente da Afrobras e diretora geral do evento, Ruth Lopes Costa, mais de 5 mil cartas de todo o Brasil chegaram na organização do evento e na redação da

20 de Novembro: Dia Nacional da Consciência Negra



116 anos da – até hoje – mal explicada Lei 3.353, o País se debate em meio a duas de suas maiores vergonhas: a escravidão e a extinção de milhares de etnias ameríndias.

Leis, decretos, portarias, políticas públicas tentam pôr um fim ao nada correto e humilhantemente perverso fosso social e econômico que divide um país multirracial em 70 milhões de afro-descendentes e os outros 100 milhões.

Em meio a estas iniciativas está o Troféu Raça Negra, instituído pela Sociedade Afro-Brasileira de Desenvolvimento Sócio-Cultural (Afrobras), que, como lembra seu presidente, José Vicente, tem por objetivo "reconhecer, exaltar e enaltecer trajetórias e ações que tenham contribuído para a valorização da raça negra". Mal nascia o Brasil, e em 1545 Pedro Góis (donatário da Capitania da Paraíba

do Sul) solicitava "a remessa urgente" de pelo menos 70 negros de Guiné.

Em 1559 a Regente de Portugal, dona Catarina, "permitia" que cada dono de engenho da Colônia "pudesse comprar até 120 escravos africanos".

Ao tomar a sua história em suas próprias mãos, no início do Século 17, africanos trazidos à força à Colônia Portuguesa e afro-descendentes iniciavam uma epopeia que está longe de terminar, e que só no final do Século 20 definiu o 20 de Novembro – data do assassinato de Zumbi dos Palmares – como o Dia Nacional da Consciência Negra.

Durante toda a história de resistência (coisa de um século), Palmares foi vitimado por 66 expedições militares e 31 ataques maciços.

Resistentes à vileza da privação de sua liberdade e dos impiedosos mau tratos impostos pelos fazendeiros, os habitantes de Palmares também assanhavam a ira do ainda titubeante modelo mercantil: a terra pertencia a todos; o produto da terra

era dividido por todos; cada habitante tinha sua própria moradia; o trabalho, o preparo do plantio e a estocagem eram divididos por todos; as crianças eram educadas nos usos e costumes étnicos; as mulheres encarregadas da tecelagem e da guarda dos estoques de alimentos.

Para a Coroa Portuguesa e para a nascente elite colonial brasileira um péssimo exemplo. O certo é que três séculos de escravidão deixaram uma nódoa que continua borrrando a consciência brasileira até hoje: a condição racial constitui um fator de privilégio para brancos e de exclusão e desvantagem para os não-brancos; do total dos universitários, 97% são brancos, 2% são negros, 1% descendentes de orientais; dos 22 milhões de brasileiros que vivem abaixo da linha da pobreza, 70% deles são negros; dos 53 milhões de brasileiros que vivem na pobreza, 63% deles são negros.

*Márcio Tadeu dos Santos
Jornalista*



Margareth Menezes

cultuando a diversidade

O nome de Margareth Menezes voltou a mídia depois de alguns anos. Cantando a negritude e a crença em sua fé, ela combate o preconceito e engrandece seus ancestrais. Assim como suas canções, suas palavras à Revista Afirmativa são um culto a diversidade.

Revista Afirmativa - Como você vê a situação do negro no País: mercado de trabalho, educação, política e saúde?

Margareth Menezes - A falta de visão social mais afinada com as necessidades reais do povo brasileiro, por parte das políticas sociais praticadas no Brasil, ao longo de muitos anos atinge direto a população negra, que é sensivelmente desprestigiada nas questões político-sociais. Essa falta de cuidado com relação à educação, saúde e trabalho, atinge brutalmente a base da pirâmide social, acaba por massacrar a população negra, condenando a juventude ao desânimo e ao descrédito em possibilidades melhores para viver. Temos que nos transformar em verdadeiros Hércules para rompermos essas barreiras iniciais e galgarmos espaços mais amplos.

Afirmativa - Você tem sentido uma mudança positiva, nos últimos anos, que contribua para o crescimento da raça? Em quais áreas?

Margareth Menezes - A luta de identidades representativas e os pronunciamentos de elementos ativos, acusando esses disparates da desigualdade, começam a surtir algum movimento positivo, se cristalizando para apoiar uma melhor formação dos negros para o mercado de trabalho, possibilitando futuras profissões melhor remuneradas.

Afirmativa - Quais as ações afirmativas necessárias para que o negro possa subir mais um degrau na escala social do País?

Margareth Menezes - Ações afirmativas como o sistema de cotas não atendem a real necessidade da população, mas a polêmica criada pela situação ajuda a

chamar atenção dos brasileiros, que na sua grande maioria, não promovem a discriminação, mas caminham meio que anestesiados para o problema. É natural do povo esse comportamento em relação aos problemas, desde a corrupção até o nível de violência urbana, que atinge o nosso país, colocando-o como um dos mais violentos do mundo. Tudo isso nos atinge como cidadãos, depois como negros, afro-descendentes, brasileiros, prejudicando o processo de desenvolvimento social.

Afirmativa - Particularmente você tem se envolvido com programas que contribuam para conquistas do negro? Quais?

Margareth Menezes - O trabalho que eu desenvolvo isenta de qualquer influência xiita em relação à discriminação racial, pois não combato a discriminação, mas me posiciono como ser humano habitante desse planeta com direito a todas as conquistas e também obrigações.

Sinto-me participante e divulgadora de uma visão moderna dos direitos e deveres dos cidadãos brasileiros, independente de: credo, cor, sexo, religião. Defendendo o direito do cidadão, afro-descendente, homem, mulher, criança, da fauna e flora do meu país amado. Pois na seqüência de todas as coisas sou mulher brasileira negra e amante de todas as coisas que são belas que Deus nos deu. Viva o ser humano!

Afirmativa - Há alguns anos, você já cantava o orgulho negro. Hoje esse tipo de música tornou-se tema para a manifestação da juventude. Como se sente?

Margareth Menezes - As músicas que eu interpreto falam da história da minha gente, do meu país, de amor a natureza e da capacidade do ser humano de se identificar com o belo. Ainda estou buscando aprender mais sobre essa integração com a força da música. O que ela pode significar para um ser, para o povo, para

uma nação. Condensando a história e o movimento, aspirando poesia, arte e articulação e expirando história, amor, diversão, o físico e o espiritual.

A música é a maneira com que eu me posiciono na vida. Querendo mostrar a minha raiz, de onde eu venho, mas buscando a relação com o meu presente, com o meu comportamento, com a minha geração, com tudo que compõe minha juventude. Não saudosista, de uma época mais visionária das minhas credenciais, mas até onde posso chegar com essas somas entre a minha base e o meu próximo passo, entre o que já é, e o que pode ser, entre o afro e a tecnologia.

Na minha Bahia cosmopolita é a visão afropopbrasileira que não me envergonha do meu passado (não tenho porque me envergonhar) e - pensando no futuro - planto o meu presente.

Só sei que quero cada vez mais aprender a viver. Se minha visão de vida pode ser referência para alguém, cada vez mais cuidado com todas as coisas que me cercam, principalmente em relação aquilo que me proponho, que é trabalhar com arte.

Afirmativa - Em sua trajetória profissional você tem percebido uma mudança no tratamento dado ao negro no meio artístico?

Margareth Menezes - Cada profissão tem suas peculiaridades. Na música existem alguns ingredientes que são básicos. Talento é facilmente identificável. Alguns têm mais e outros menos, mas todos têm algum. Sorte e profissionalismo – esses são os verdadeiros ingredientes. Fora isso, é a história e condução de cada um que nos dá a resposta certa em relação a essa pergunta. Mais a base para o sucesso em todas as profissões está na formação educacional. Pode observar!

Sandra de Sá

orgulho de ser negra

A alegria contagiante e a ginga da cantora Sandra de Sá foram significantes no processo do Troféu Raça Negra. A cantora há mais de 20 anos empolga a população com sua ginga e com letras fortes. A cantora ressalta que sempre participa de projetos, como o realizado pela Afrobras, que muda a mente da população. "Estamos saindo da senzala". Somado aos projetos que apóia, Sandra faz parte da ONG "Doe seu lixo", que mais que reciclar lixo, possibilita ao cidadão uma reciclagem pessoal. Outra maneira que Sandra desempenha

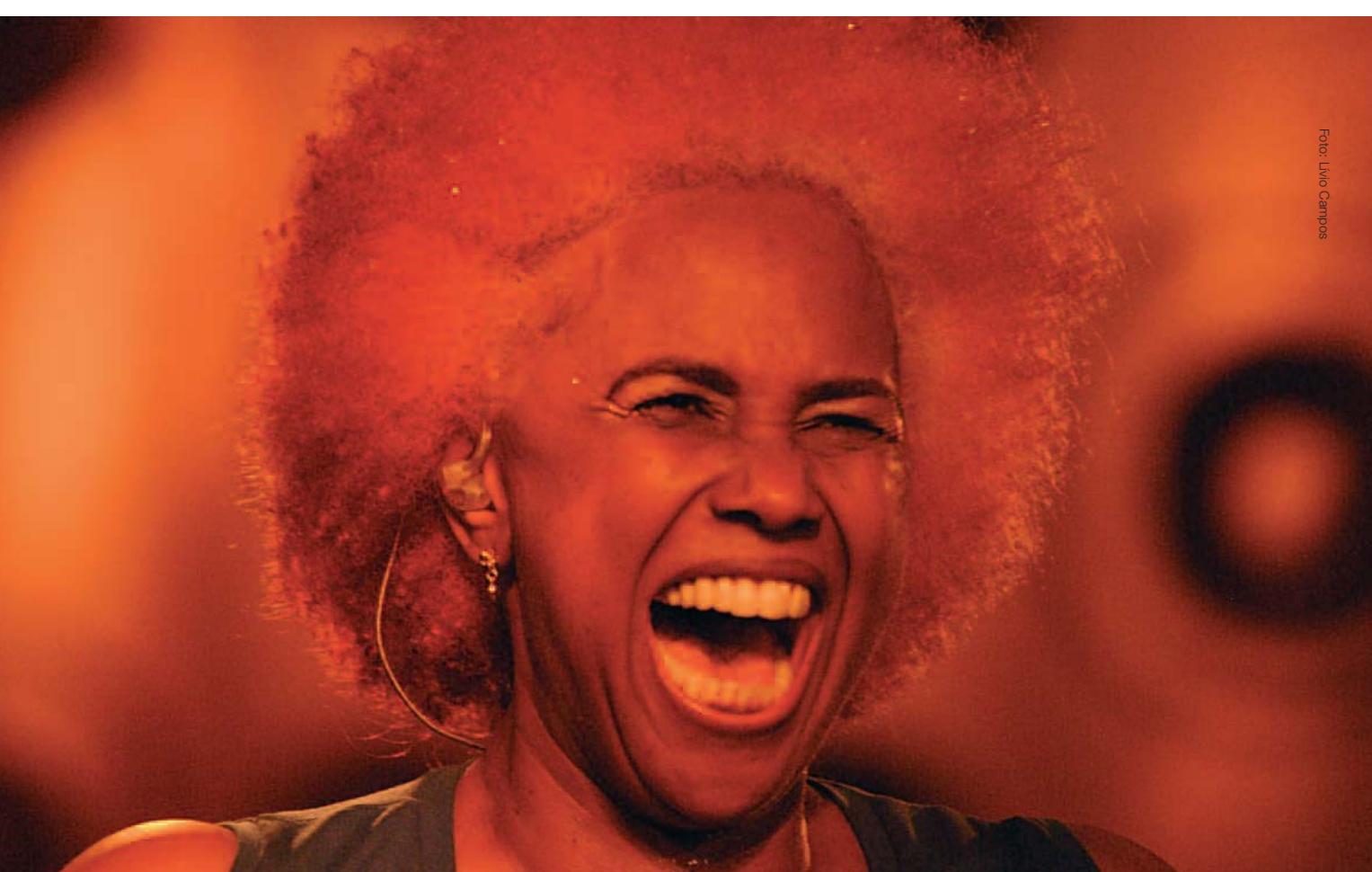
seu papel na sociedade é através das mensagens passadas em suas músicas. As canções entoadas por Sandra nem sempre são de sua autoria, mas retratam sua visão sobre a sociedade brasileira e as conquistas da população negra em geral. Sandra de Sá acredita que a música é capaz de mudar a história de um povo e afirma que entre seus planos está a criação de um projeto cultural musical: "Quero mostrar que a música preta é suingue puro".

Mesmo afirmando que só grava músicas que a tocam profundamente, a cantora

não consegue dizer quais de suas canções a agrada mais "toda batem na alma, sou apaixonada por todas". Mesmo assim entre as músicas que gostaria de ter gravado, destaca "Esquinas" de Djavan. "Essa música é a vida do negro brasileiro, um lamento negro".

Se depender do sucesso que faz entre os jovens brasileiros, Sandra de Sá pode considerar que cumpriu sua missão.

A música "Olhos Coloridos", com o refrão - Sarará Criolo' - , tornou hino nas principais noites de música *black* do país.



Destaque entre os novos atores brasileiros Lázaro Ramos

Admirado por sua mobilidade e criatividade na interpretação dos mais variados papéis, Lázaro Ramos é reconhecido pelo empenho e destaque entre os atores negros, dessa nova geração da dramaturgia brasileira. Ramos, que nos últimos meses pôde ser visto no elenco da série *Sexo Frágil*, afirma ser inegável o aumento na participação do negro nos altos escalões da sociedade e economia e ressalta as conquistas que devem vir: "a aceitação da negritude, a estética do negro se formando,

tudo isso é muito importante, como essa premiação da Afrobras."

O ator acredita na nova safra de atores negros, que estão mostrando seu trabalho. "É necessário colocar o negro na dramaturgia e não ficar só contando números", declara em alusão à cota de negros nas novelas. Reconhece que foi privilegiado no meio artístico por ter vindo de um ótimo grupo de teatro. "Tomo muito cuidado com os papéis oferecidos, porque minha maior preocupação é não ser rotulado."

Nascido em
Salvador,
Luiz Lázaro
Sacramento

Ramos deu início a carreira aos 10 anos. Depois de 15 anos, é um dos novos nomes da dramaturgia brasileira, com o papel principal nos filmes *Madame Satã* e *O homem que copiava*.



Haroldo Costa negritude, cidadania e arte

Ator, produtor, escritor e jornalista entre outras atividades, Haroldo Costa sempre teve seu nome ligado às questões da negritude. Atualmente coordenando os projetos *Fim de Tarde* e *Chorando e Sambando*, Haroldo jamais poderia ficar de fora desse momento de valorização da cultura afro-brasileira, através do prêmio Troféu Raça Negra.

Revista Afirmativa - Como você vê a situação do negro no País: mercado de trabalho, educação, política e saúde?

Haroldo Costa - Continuamos carecendo de oportunidades para poder competir no mercado de trabalho. Nossa presença como na política é insignificante (é só constatar nas últimas eleições) e estamos mais expostos às doenças por falta de educação, além do baixo nível econômico.

Afirmativa - Você tem sentido uma mudança positiva nos últimos anos, que contribua para o crescimento da raça? Em quais áreas?

Haroldo Costa - Sem dúvida, já avançamos alguns passos. Fora as áreas esportivas e artísticas, onde sempre mar-

camos presença, hoje já se pode notar negros em várias profissões liberais.

Afirmativa - Quais as ações afirmativas necessárias para que o negro possa subir mais um degrau na escala social do País?

Haroldo Costa - Sou inteiramente favorável às cotas, como instrumento para diminuir o fosso ainda existente.

Afirmativa - Você tem se envolvido com programas que contribuam para conquistas do negro? Quais?

Haroldo Costa - A minha vida profissional tem sido, através do teatro, do rádio, da televisão e da literatura, focalizar a contribuição do negro na cultura brasileira e promover o aprimoramento profissional dos negros.

Afirmativa - Em sua trajetória profissional, tem percebido mudança no tratamento dado ao negro na dramaturgia?

Haroldo Costa - Muito timidamente, mas alguns passos têm sido dados.



Banho de 15 minutos?

Olha o nível!

Quem desperdiça água baixa o nível.
Dos reservatórios e do respeito pelos outros.

Água. Usar bem é fácil. Difícil é ficar sem.



SECRETARIA DE ENERGIA,
RECURSOS HÍDRICOS E SANEAMENTO



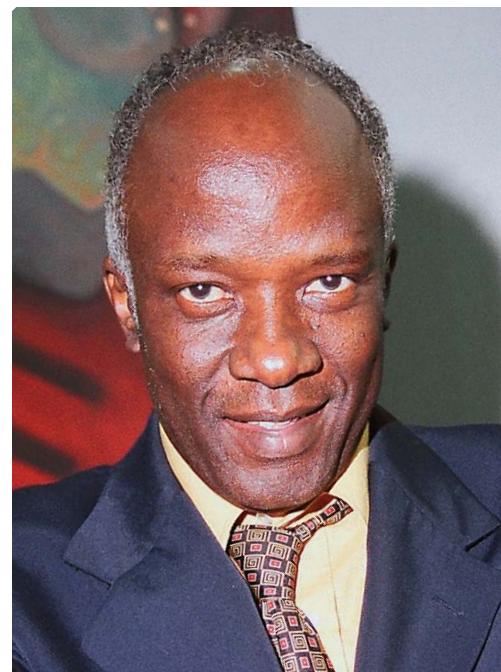
Antonio Pompeo

trabalho novo na educação

"O Troféu Raça Negra é a oportunidade para a reunião da comunidade negra e a certificação do nosso trabalho, a soma dos esforços de cada um. É também importante o reconhecimento da comunidade para com seus pares", destaca Antonio Pompeo, ator, conselheiro da Afrobras, desde a criação da entidade, e vice-diretor do Cidam – Centro de Informação e Doação do Artista Negro.

Dentre suas atividades no momento,

ressalta o empenho na realização do projeto da Fundação Roberto Marinho que visa a criação de material audiovisual para atender as necessidades da Lei (n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".



Estreante na televisão, Luiz Miranda ganha destaque sob nova direção

Acompanhado por diversos telespectadores nas noites de domingo, o ator Luiz Miranda tem conquistado espaço por seu trabalho na série *Sob Nova Direção*.

O ator que se diz "surpreso com a indicação", apresenta um ar preocupado quando fala sobre a situação dos atores negros, porque ainda existe muito preconceito e os papéis dos atores negros não tem mudado. "Acho importante que tenha emprego para todos, mas em papéis que retratem a realidade da sociedade brasileira, não só a realidade da favela!", diz Luiz Miranda.

Entre as etapas a serem superadas pelo afro-descendente brasileiro está a da auto-

estima, que ainda precisa se valorizada. "Um negro com traços brancos é admirado, um negro mais

mestiço.

O negro precisa deixar de ser um personagem folclórico."

Miranda não participa de movimentos organizados em prol da questão do negro, mas sua militância é conquista diária por sua exposição na mídia: "Eu não preciso levantar nenhuma bandeira porque a minha política é do dia a dia."



Reconhecida por seu talento e beleza

Isabel Fillardis

é uma ativista social

Figura constante na televisão brasileira Isabel Fillardis encanta a população com seu talento e carisma. A indicação ao Troféu Raça Negra é um reconhecimento do valor de seu trabalho.

Em 12 anos de carreira, marcados em grande parte por papéis fortes, Isabel acredita que após seu primeiro trabalho, se conscientizou da batalha pela valorização de seu talento: "sei que fui escolhida por ser negra e não pela forma como trabalhava, mas tenho consciência que a oportunidade profissional que tive, abriu caminho para novos talentos".

Respeitada profissionalmente, reconhece que o preconceito ainda é muito grande, mas enfatiza que não é possível aceitar tudo o que acontece. "O negro tem que usar a inteligência, acumular informações e ser mais ousado".

A atriz, que com sua ousadia, conquistou espaço na maior emissora de televisão do país afirma: "se o negro tiver uma oportunidade, mostra seu valor. O caminho para a população negra é procurar uma direção e lutar pelo que quer."



Foto: Divulgação



Sérgio Menezes

Um rosto negro com belos traços e um dos destaques entre os novos talentos globais. Quem vê o sorriso cativante muitas vezes não percebe a personalidade. Defendendo pontos de vista, o ator Sérgio Menezes fala a Revista Afirmativa sobre carreira, preconceito e política.

Revista Afirmativa - Como você vê a situação do negro no País: mercado de trabalho, educação, política, e saúde?

Sérgio Menezes - Acho que as coisas não se modificaram, proporcionalmente, sobre a situação do negro no Brasil. Infelizmente ainda percebemos os reflexos do prejuízo que foi o modelo social implementado pelos portugueses na for-

mação deste país.

Afirmativa - Você tem sentido uma mudança positiva, que contribua para o crescimento do povo negro nos últimos anos? Em quais áreas?

Sérgio Menezes - Eu diria que as ações afirmativas são medidas significativas se bem aplicadas e estruturadas. Digo isto para que o povo negro não seja visto como oportunista, que não é o caso evidentemente.

Parabéns sempre para Paulo Paim!

Afirmativa - Quais as ações afirmativas necessárias para que o negro possa subir mais um degrau na escala social do País?

Sérgio Menezes - Eu diria que devemos ser cada vez mais contundentes sobre

Chica Xavier

a militante

Admirada por sua atuação na televisão, no cinema e no teatro, Chica Xavier pode ser considerada uma das maiores atrizes brasileiras, sendo militante durante a maior parte de seus 72 anos de causas relacionadas à cultura negra.

Em mais de 50 anos de carreira, Chica acredita que a situação do negro na dramaturgia brasileira vem melhorando, mas que os autores precisam se conscientizar e criar papéis mais reais para os atores negros. "É preciso enxergar a realidade do país, eu fico triste quando vejo que os negros, ainda hoje, só conseguem ser destaque em novelas de época!".

Mesmo tendo iniciado a carreira artística aos 14 anos, Chica faz questão de dizer que tanto ela quanto o marido -

Clementino Kelé - tiveram que se dedicar a outras profissões para conseguir manter a família. Aprovada em concurso público como Técnica em Comunicação Social do Ministério da Educação, hoje aposentada, a atriz diz que o casal não incentivou os filhos a optar pela dramaturgia. "Eles viram nossa batalha no dia a dia e optaram por outros caminhos. Hoje, minha neta tenta seguir a nossa profissão". Mesmo que a neta viva outra realidade, ela vai ter que batalhar", declara a atriz.

Sorriso cativante, voz macia, personalidade guerreira. Yalorixá, Chica Xavier defende sempre seus pontos de vista, não só com relação à religião afro-brasileira, mas com a causa negra em geral. Membro



Foto: Divulgação

do conselho curador da Fundação Palmares, a atriz diz: "Quando tenho oportunidade, aproveito para protestar". Com o tema da premiação inspirado nos 450 anos de São Paulo, Chica ressalta a importância da cidade na defesa do negro. "São Paulo sempre veio na frente, quando se trata da defesa do negro, a conscientização do negro nesta cidade se faz melhor", ressaltando que o teatro paulista tem uma bagagem maior de atores negros.

Mais do que um

EDUCAÇÃO e CULTURA. Além do que já vem sendo feito. Outra coisa que mudaria, drasticamente em um curto período, é o fator econômico. À medida que se diminui o número de negros pobres, aumenta a inclusão na sociedade. Não sei como estruturar esta questão, mas o fato é que numa sociedade capitalista o fator econômico faz total diferença.

Talvez um pedido de indenização à União, como os judeus fizeram no fim do holocausto...

Afirmativa - Particularmente, você tem se envolvido com programas que contribuam para conquistas do negro?

Quais?

Sergio Menezes - Eu tive a oportunidade de

rosto na multidão.

conhecer algumas comunidades carentes e acho que minha presença, minhas palavras e minha intenção de estar nestes lugares serviram como um estímulo. Só que todos nós sabemos que as oportunidades são menores principalmente quando se é pobre.

Afirmativa - Em sua trajetória profissional você tem percebido mudanças no tratamento dado ao negro no meio da dramaturgia?

Sergio Menezes - Sobre a inserção do negro no novo modelo de dramaturgia popular acho que houve mudanças significativas, mas está longe do ideal.

Afirmativa - Em seu caso, quanto tempo demorou, para que fosse reconhecido no meio? Você enfrentou muitos preconceitos

em seus anos de carreira?

Sergio Menezes - Quando comecei a trabalhar de verdade não tive tempo para pensar se estava sendo discriminado em algum momento, mesmo porque a discriminação é bastante sutil neste país, é preciso estar muito atento. Só que quando percebia rumores de alguma parte sobre discriminação, pensava que o preconceituoso é que tinha que resolver o problema, porque o problema estava com ele e não comigo. Provavelmente esta seja uma medida política de convivência, mas em geral sempre fui respeitado e bem tratado por meus colegas.

Quem determina
o sabor da sua vida

é Você.



Refrigerantes
convenção
Desde 1951
conv.sp@convencao.ind.br
0800 77 10008

Sabor que borbulha na garrafa, na lata, no copo, no corpo, onde você estiver. Esse é seu guaraná, essa é sua Convenção.



Fundo de Quintal

conjunto da obra

Um dos maiores grupos de samba, o Fundo de Quintal é premiado pelo Troféu Raça Negra. Conhecido de norte a sul do país o grupo, que já teve entre seus integrantes personalidades como: Arlindo Cruz, Sombrinha, Jorge Aragão e Dona Ivone Lara, recebeu o prêmio na categoria Conjunto da Obra.

Membro do Fundo de Quintal há 19 anos, Ademir da Silva Reis,

o Ademir Batera como ficou

conhecido no mundo do samba, diz ser gratificante para o grupo receber a homenagem e que a premiação é um avanço na luta contra o preconceito. "É bonito demais ver os negros passando por cima do preconceito no dia a dia, ver o reconhecimento não só dos negros brasileiros na música, mas também dos advogados negros, dos juízes e por todas pessoas que lutam por seus direitos", afirma Ademir. Em quase 20 anos de carreira, o percussionista não hesita ao declarar que na região sul o negro ainda sofre muito com a intolerância racial. Ademir se emociona ao lembrar o caso de outro grupo conhecido, que foi abordado violentamente por policiais na saída de um show em Curitiba. "Nós particularmente nunca sofremos esse tipo de ataque, mas sabemos que isso ainda acontece muito nos estados do sul".

O músico acredita que a população negra alcançou um novo patamar na batalha pela identidade. "A prova está aqui, um projeto como o da Afrobras passa por cima de muitos interesses". Ademir destaca ainda a garra da população negra para enfrentar e lutar por seus objetivos. "Hoje na Faculdade Zumbi dos Palmares estudam 200 alunos negros, 70% mulheres que mostram à sociedade que não falta muita coisa pro negro conquistar".

Admirado por grande parte da população do país, independente de raça ou cor, o grupo tem consciência que o nome "Fundo de Quintal" dá destaque a qualquer projeto em que se envolva. O percussionista afirma que o grupo apóia todas organizações que lutam em defesa do negro. "Somos negros e temos que estar abraçados à toda ação que dignifique e reconheça o negro".



Rosa Marya Colin

Um canto de protesto



Foto: Gama Jr.

Uma das vozes mais melódicas do Brasil, o talento de Rosa Marya Colin, deixou de ser valorizado em nosso país, só reconhecido no exterior. Cantando *blues*, *jazz* e outros ritmos negros, a voz da cantora vem encantando públicos restritos há décadas. É chegada a hora de saber mais sobre esse nome. Em entrevista a Revista Afirmativa, Rosa Marya fala sobre música, preconceito e o país.

Revista Afirmativa - Como você vê a situação do negro no País: mercado de trabalho, educação, política e saúde?

Rosa Marya Colin - Como vejo a situação

do negro no país? Em âmbito geral, caótica como a situação do país.

Afirmativa - Você tem sentido mudança positiva, nos últimos anos, que contribua para o crescimento da raça? Em quais áreas?

Rosa Marya - É tão mínima a mudança positiva que contribui para nosso crescimento que quase não se percebe. O fato de algumas portas se abrirem para poucos não satisfaz, pois a maioria continua sem oportunidades, estacionados em estágios de dez anos atrás, não "deslancha". Hoje, um cidadão tem que trabalhar três vezes mais

para apenas sobreviver, sem poder investir em seu próprio crescimento, imagine então os negros, índios e minorias.

Afirmativa - Quais as ações afirmativas necessárias para que o negro possa subir mais um degrau na escala social do País?

Rosa Marya - As ações afirmativas necessárias são sempre as mesmas, as básicas: saúde, educação cultura, oportunidades iguais. Enfim, é tão repetitivo que chega a enjoar, essa coisa de cotas universitárias para mim é engodo. É mais uma passada de mão na cabeça.

Afirmativa - Você tem se envolvido com programas que contribuam para conquistas do negro? Quais?

Rosa Marya - Eu já participei muito mais que atualmente em movimentos pró-raça, "Acab" "Movimento Negro" etc. Me decepcionei não só com os dirigentes dos movimentos, mas também com os participantes. Todos me pareceram mais interessados em se "ajeitar", se dar bem, do que realmente lutar por uma causa, e infelizmente temos que reconhecer que somos desunidos... Por onde andam estes movimentos? Por isso me voltei ao meu crescimento como mulher e negra, como um exemplo a ser seguido, e ajudo aos meus irmãos de raça dando trabalho, sempre que posso dispor de secretária, músico, uma ajudante em casa. Até mesmo prefiro com-

prar de um camelô ou de uma balconista da minha raça. Penso assim estar ajudando; aprendi isso nos Estados Unidos, onde negro ajuda negro a crescer. Com isso não estou discriminando, ao contrário, estou apenas tentando um equilíbrio dentro de uma sociedade, preconceituosa e discriminativa como a deste planeta. Sei que sou pequena, uma só! Sei que isto não terminará tão cedo ou quem sabe nunca. Seremos preconceituosos com negros, índios, gordos, feios, deficientes, etc, como sempre fomos, somos assim, imperfeitos.

Afirmativa - Você acredita que o pouco reconhecimento de alguns artistas seja fruto do preconceito?

Rosa Marya - Acredito sim, se não o fosse teríamos uma Leci Brandão, no nível de uma Marilia Gabriela com um programa,

pois inteligência para isso ela tem. Você quer coisa mais ridícula que fazer uma loura tomar sol e tingir o cabelo para fazer a escrava Isaura? Não temos mestiças? Morenas? O que é isso? E ainda numa emissora que vive falando no criador. Bah!

Afirmativa - Em sua trajetória profissional você tem percebido mudanças no tratamento dado ao negro no meio artístico?

Rosa Marya - Tenho percebido sim, uma preferência clareadora, mas eles põem uma negra aqui, outra ali, como desencargo de consciência, sempre com o cuidado de não deixar tudo muito escuro. Nossos cachês são menores, enfim artistas negros estão sempre no *underground*. Ces't la vie.

Maria Ceiça

troféu é reconhecimento à causa do negro

Rosto conhecido e nome familiar nas causas da cultura negra, a atriz Maria Ceiça considera o Troféu Raça Negra o reconhecimento à causa do negro. Associar sua imagem à causa é a maneira que encontrou para lutar pelo fim do preconceito. "O movimento artístico é um movimento político, pois quando o artista negro aparece, ele já levanta discussão", declara a atriz.

Maria Ceiça acredita que faltam exemplos negros, por isso a população se espelha principalmente nos atores e assim passam a agir. "Cada vez que o negro e vê na televisão, retratado por um artista, a auto-estima tende a crescer." A atriz define a carência ne ícones da raça negra na sociedade brasileira. "Nós, artistas negros, esperamos que eles se espelhem mesmo, pois muitas vezes não há - na nossa família - alguém que sirva de exemplo",

declara a atriz.

Os exemplos a serem seguidos contribuem também, de acordo com Maria Ceiça, para o crescimento da auto-estima da população afro-descendente. A atriz considera que a consciência do papel do negro na sociedade é um dos principais fatores para a luta contra o preconceito no país. "Esses conceitos fazem as discussões caminharem para um desfecho melhor. As crianças começam a almejar o sucesso, querem crescer

Mesmo sabendo da importância de seu papel na formação da consciência étnica na população, por ser uma figura pública, Maria Ceiça acredita que o investimento na educação, desde as escolas de educação infantil ao elo trabalho de reciclagem dos professores, é a única saída para mudar a situação do negro no País.



Agora algumas pessoas vão poder ver a internet com os próprios ouvidos.

Porque o Banco Real está distribuindo um software para deficientes visuais.

O Banco Real está distribuindo gratuitamente aos seus clientes com deficiência visual o software Virtual Vision, que utiliza um sistema sintetizador de voz que permite ao usuário interagir com o computador, acessar a internet e aproveitar todas as facilidades do Real Internet Banking. Todos os clientes podem indicar seus familiares ou amigos que sejam deficientes visuais para receber o programa. E os clientes com deficiência visual só precisam pedir uma licença do Virtual Vision conversando com o seu gerente. Conheça também outros produtos do Banco Real destinados às pessoas com deficiência, como o CDC Mobilidade, que possui taxas diferenciadas. Para mais esclarecimentos, acesse www.bancoreal.com.br e clique no link Responsabilidade Social, ou ligue para (11) 3553-4445 em São Paulo, (21) 3460-1303 no Rio de Janeiro e 0800 286 4040 nas demais localidades.

Deixe o Banco Real fazer parte da sua vida: acesse www.bancoreal.com.br ou passe numa agência.

O banco da sua vida.



BANCO REAL
ABN AMRO

Daiane dos Santos

luta e ideais

A ginasta Daiane dos Santos sabe bem o que diz quando cita estas palavras. É um exemplo a todos os negros que ainda não conseguem se ver vitoriosos nas competições do dia a dia.

Após anos de servilismo, a comunidade negra passa por um processo de desenvolvimento em diversos âmbitos. Para Daiane, um dos destaques

"Os atletas negros têm que se dedicar mais nos treinos e acreditar que podem estar entre os primeiros. Isso é fundamental", diz a primeira ginasta do Brasil a conseguir uma medalha de ouro em campeonatos mundiais nos 100 anos de ginástica.

Aos 21 anos, foi descoberta aos 11 quando brincava em uma pracinha em Porto Alegre, sua cidade natal. Após um ano de treinamento na cidade, a atleta foi convidada para treinar no Grêmio Náutico União, onde está até hoje. Daiane cursa a faculdade de Educação Física no Paraná e mesmo faltando três anos

para terminar, ela já sonha com o futuro. "Vou ser técnica de ginástica ou personal

trainer.

Quero ser um exemplo para quem está começando. Meu maior sonho é trabalhar com crianças especiais", comenta Daiane.

Outro objetivo da atleta é mostrar que o importante é lutar pelas melhores colocações, como fez nas Olimpíadas 2004 e, certamente, é o que vai buscar para os próximos anos da carreira, um exemplo a ser seguido indistintamente.

do esporte brasileiro na atualidade, "estamos aprendendo a lutar pelos nossos direitos e mostrando que precisamos ser respeitados igualmente".

Para o progresso social do negro no País, os mais relevantes aspectos são, de acordo com a ginasta, o aumento do número de vagas para negros nas universidades e o trabalho da auto-estima.

Apesar de não sentir diferença no tratamento dado aos atletas negros no Brasil, Daiane, que dedica sete horas de seu dia aos treinamentos, sugere máximo empenho.

"O negro no nosso País está mais consciente, acreditando nele mesmo e indo à luta pelos seus ideais, ultrapassando todas as barreiras."

*Daiane dos Santos
ginasta*

No
início do governo Getúlio, em
1931, o Brasil aprovava a primeira lei de cotas de
que se tem notícia nas Américas: a Lei da Nacionalização do
Trabalho, ainda hoje presente na CLT, que determina que dois
terços dos trabalhadores das empresas sejam nacionais.

Com o surgimento da Justiça do Trabalho, também naquele período,
o Direito do Trabalho inaugurava uma modalidade de ação afirmativa que
até hoje considera o empregado um hipo-suficiente, favorecendo-o na defesa
judicial dos seus direitos.

Em 1968, o Congresso instituía cotas nas universidades, por meio da
chamada Lei do Boi, cujo artigo primeiro prescrevia: "Os estabelecimentos de
ensino médio agrícola e as escolas superiores de Agricultura e Veterinária,
mantidos pela União, reservarão, anualmente, de preferência, de 50%
(cinquenta por cento) de suas vagas a candidatos agricultores ou fi-
lhos destes, proprietários ou não de terras, que residam com suas
famílias na zona rural e 30% (trinta por cento) a agricultores
ou filhos destes, proprietários ou não de terras, que
residam em cidades ou vilas que não possuam
estabelecimentos de ensino
médio".

Note-se ainda que, desde 1970, o Brasil é signatário de acordos de cooperação científico-tecnológica com países africanos, de modo que jovens são selecionados nos seus países de origem e ingressam nas melhores universidades brasileiras sem passarem pelo discutível crivo do vestibular.

Já na vigência da Constituição de 1988, o país adotou cotas para portadores de deficiência no setor público e privado, cotas para mulheres nas candidaturas partidárias e instituiu uma modalidade de ação afirmativa em favor do consumidor: dada a presunção de que fornecedores e consumidores ocupam posições materialmente desiguais, estes últimos são beneficiados com a inversão do ônus da prova em seu favor, de modo que - em certas hipóteses - cabe ao fornecedor provar que ofereceu um produto em condições de ser consumido.

Tais fatos devem ser cotejados com um outro dado histórico: em 1950 o Vereador Cid Franco e o Deputado

Jonas Correia, denunciavam na Câmara de São Paulo e na Câmara Federal que instituições particulares de ensino, entre outras beneficiárias de recursos públicos, excluíam abertamente crianças negras. Isto é, há poucos mais de 50 anos a decantada democracia racial ainda esmerava-se em dificultar o ingresso de negros no sistema de ensino.

Dois registros: 1. a despeito da ignorância olímpica de alguns dos próceres da intelligentsia tupiniquim, o Brasil poderia tranquilamente orgulhar-se de exibir cotas e outras políticas de ação afirmativa como um produto genuinamente nacional; 2. não deve causar nenhuma surpresa o fato destes mesmos próceres terem silenciado diante da adoção de cotas para quaisquer outros segmentos, mas venham a público, agora, vociferar que cotas para negros são operacionalmente inviáveis, ilegais e farão cair o nível da universidade brasileira.

Em matéria publicada no dia 14 de dezembro do ano passado, o jornal "Folha de São Paulo" noticiava que os negros aprovados na Universidade

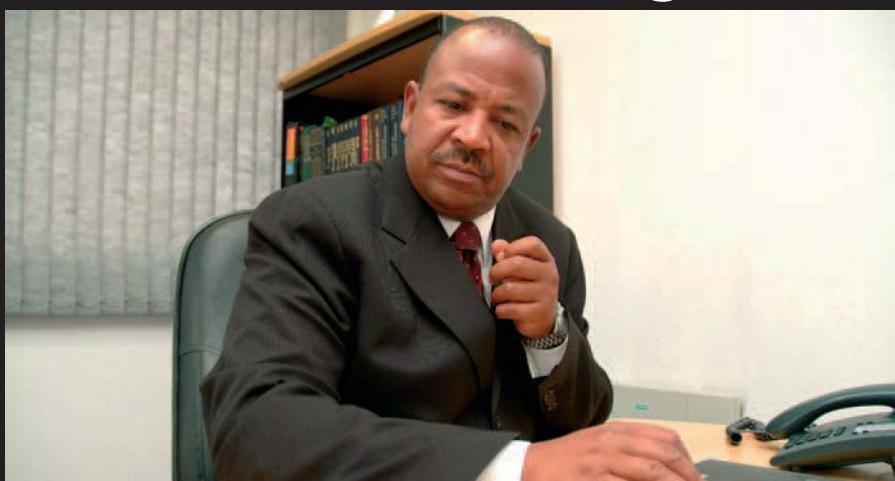
Estadual do Rio de Janeiro apresentaram desempenho similar ou superior a seus colegas brancos.

Temos, pois, que a experiência de ingresso diferenciado de estudantes africanos (indiscutivelmente negros, ao que tudo indica) e o desempenho dos negros brasileiros comprovam que o verdadeiro mérito é aquele mensurável no desempenho dos alunos, no decorrer do curso, e não na ante-sala das universidades.

Decerto, as iniciativas de ações afirmativas destinadas a impulsionar o ingresso de estudantes negros/as no ensino superior, que nada têm de novo, visam corrigir uma distorção histórica e permitir que os talentos e potencialidades possam, em igualdade de condições, ser revelados com base na performance que negros e brancos apresentem em sala de aula. Que o diga, a propósito, a ginasta Daiane dos Santos.

Fora deste contexto, qualquer outro argumento nada mais faz do que ilustrar o grau de omissão atávica, de racismo cordial ou de improvisação intelectual de setores das elites brasileiras.

otas: Uma invenção nacional



Hélio Silva Jr, Mestre em Direito Processual Penal, Doutor em Direito Constitucional pela PUC-SP e Coordenador da Comissão de Direitos Humanos da OAB-SP

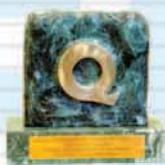
Responsabilidade Social, Ética, Tecnologia e Gente Proporcionando Negócios Mais Seguros

As Soluções Serasa para gerenciar riscos e apoiar negócios permitem reduzir a inadimplência, diminuir os juros e ampliar a oferta de crédito, gerando mais consumo, mais produção e mais empregos.

Diariamente, em todo o Brasil, a Serasa apóia mais de 3 milhões de negócios com informações fornecidas on-line/real-time para mais de 300 mil empresas de todos os segmentos da economia: indústria, comércio, instituições financeiras, serviços e agricultura.

Marcando sua atuação pela Ética e pela responsabilidade social, a Serasa desenvolve diversas atividades em prol da comunidade. Destaca-se o seu Serviço de Orientação ao Cidadão, presente em todo o País, que atendeu, gratuitamente, em seus escritórios, mais de 2 milhões de pessoas, nos últimos 12 meses.

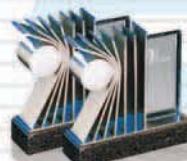
O compromisso 24 horas da Serasa é servir ao cidadão, à comunidade e ao Brasil, com qualidade, ética e responsabilidade social.



Prêmio
Ibero-americano
da Qualidade 2002



Prêmio
Exame de
Melhor Cidadania
Corporativa
2003



Prêmio
Nacional da Qualidade
1995-2000



A Serviço do Desenvolvimento do Brasil

Na
última década, o grave proble-
ma das desigualdades sociais,
econômicas, raciais e étnicas, assumiu
lugar de destaque em debates entre a

sociedade
civil, a comunidade acadêmica e governos, fazen-
do emergir, como temática das mais relevan-
tes, a questão da promoção da igualdade
racial e étnica.

Vivemos numa sociedade onde se celebra a "democracia racial" - o que acabou por se traduzir num senso comum que atribui à nossa auto-identidade social um valor que procura distingui-la de tantas outras sociedades. Por esta razão, quando tratamos de ações afirmativas como forma de combate ao racismo, em verdade, o nosso trabalho está orientado para o aprofundamento da democracia no Brasil.

No que concerne às políticas de Estado, a urgê-
cia está colocada na prática. Temos prioridade
em resolver de forma adequada, todas as formas
de exclusão social, especialmente a racial e étnica,
bem como definir que tipo de estímulo susten-
tar para a formulação de políticas públicas de
combate à discriminação.

O fato é que temos que politizar a inclusão das camadas de baixa renda, nelas tratando especialmente negros e índios. É fundamental que as políticas públicas se orientem pelo entendimento de que não basta apenas resolver a questão da desigualdade econômica para que se processe a inclusão de grupos étnicos e raciais. O discurso político ideológico, não importa se conservador

ou progressista, de esquerda ou de direita, não tem conseguido dar conta de compreender as sutilezas e os disfarces do sistema excludente brasileiro, que aparta não só os pobres, mas, principalmente, os pobres negros e índios, como mostram os dados.

que beneficie a todos. Assim, políticas públicas, que se orientam no sentido de garantir os direitos de todos impõe-se na garantia dos direitos dos oprimidos e excluídos por suas diferenças étnicas, raciais, de gênero ou de qualquer outra espécie, diferenças ainda pouco percebidas pelos atores

ções afirmativas produzindo conhecimento

A luta por medidas sociais de caráter compensatório não deve abandonar o desafio que repre-
senta um outro modelo de desenvolvimento capaz de promover a dignidade de todos, justiça social e solidariedade. A defesa de políticas específicas não deve e não pode significar uma subestimação da necessidade de se promover a luta geral

históricos das lutas de classe, que não podem deixar de lado a exploração e espoliação econômica.

Reparar é, pois, uma tentativa de corrigir desigualdades, a partir de ações políticas, econômicas, sociais, jurídicas, entre outras que busquem restaurar a auto-estima, a dignidade, a integridade da memória cultural, física e psicológica dos negros e índios no Brasil; que promova o resgate do patrimônio cultural, artístico religioso e principalmente a ascensão sócio-econômica e educacional dos grupos atingidos pela herança criminosa do racismo e da exclusão social.

Nesse sentido é que a Secretaria de Educação Superior (SESu) entende que as ações afirmativas agregarão, e certamente virão revisar, muito do conhecimento acadêmico produzido em nossas universidades, retratando a real experiência social e histórica do Brasil. O esforço pela construção de políticas públicas, para o combate e erradicação do racismo nas universidades brasileiras, procura sintonizar-se com os desafios postos pela inequívoca necessidade de inclusão de parcelas significativas da população brasileira, no processo de construção de novos saberes e novas práticas capazes de superar a homogeneização elitizadora, que hoje é a face desigual e injusta da nossa comunidade universitária.

*Sonia Guimarães, Dra. em Física, Prof. ITA
- Instituto Tecnológico da Aeronáutica*



143 anos e ainda na universidade. Deve ser por isso que a CAIXA se mantém sempre tão moderna.

O grande patrimônio de uma empresa são seus funcionários. O grande patrimônio de um funcionário é sua educação. É essa a base que promove, para ambos, desenvolvimento com solidez, versatilidade e responsabilidade. A Universidade Corporativa CAIXA nasceu para proporcionar mais crescimento tanto aos funcionários quanto aos resultados. E até hoje só tem saldos positivos na conta. Em breve este crédito também estará disponível para você. E para todos os brasileiros. Aguarde.



Na última década, o grave problema das desigualdades sociais, econômicas, raciais e étnicas, assumiu lugar de destaque em debates entre a sociedade civil, a comunidade acadêmica e governos, fazendo emergir, como temática das mais relevantes, a questão da promoção da igualdade racial e étnica. Vivemos numa sociedade onde se celebra a "democracia racial" – o que acabou por se traduzir num senso comum que atribui à nossa auto-identidade social um valor que procura distinguir-la de tantas outras sociedades. Por esta razão, quando tratamos de ações afirmativas como forma de combate ao racismo, em verdade, o nosso trabalho está orientado para o aprofundamento da democracia no Brasil.

No que concerne às políticas de Estado, a urgência está colocada na prática. Temos prioridade em resolver de forma adequada, todas as formas de exclusão social, especialmente a racial e étnica, bem como definir que tipo de estímulo sustentar para a formulação de políticas públicas de combate à discriminação.

O fato é que temos que politizar a inclusão das camadas de baixa renda, nelas tratando especialmente negros e índios. É fundamental que as políticas públicas se orientem pelo entendimento de que não basta apenas resolver a questão da desigualdade econômica para que se processe a inclusão de grupos étnicos e raciais. O discurso político ideológico, não importa se conservador ou progressista, de esquerda ou de direita, não tem conseguido dar conta de compreender as sutilezas e os disfarces do sistema excluente brasileiro, que

aparta

não só os pobres, mas, principalmente, os pobres negros e índios, como mostram os dados.

A luta por medidas sociais de caráter compensatório não deve abandonar o desafio que representa um outro

Inclusão Racial na Educação Superior

modelo de desenvolvimento capaz de promover a dignidade de todos, justiça social e solidariedade. A defesa de políticas específicas não deve e não pode significar uma subestimação da necessidade de se promover a luta geral que beneficie a todos. Assim, políticas públicas, que se orientam no sentido de garantir os direitos de todos impõe-se na garantia dos direitos dos oprimidos e excluídos por suas diferenças étnicas, raciais, de gênero ou de qualquer outra espécie, diferenças ainda pouco percebidas pelos atores históricos das lutas de classe, que não podem deixar de lado a exploração e espoliação econômica.

Reparar é, pois, uma tentativa de corrigir desigualdades, a partir de ações políticas, econômicas, sociais, jurídicas, entre outras que busquem restaurar a auto-estima, a dignidade, a integridade da memória cultural, física e psicológica dos negros e

índios no Brasil; que promova o resgate do patrimônio cultural, artístico religioso e principalmente a ascensão sócio-econômica e educacional dos grupos atingidos pela herança criminosa do racismo e da exclusão social.

Nesse sentido é que a Secretaria de Educação Superior (SESu) entende que as ações afirmativas agregarão, e certamente virão revisar, muito do conhecimento acadêmico produzido em nossas universidades, retratando a real experiência social e histórica do Brasil. O esforço pela construção de políticas públicas, para o combate e erradicação do racismo nas universidades brasileiras, procura sintonizar-se com os desafios postos pela inequívoca necessidade de inclusão de parcelas significativas da população brasileira, no processo de construção de novos saberes e novas práticas capazes de superar a homogeneização elitizadora, que hoje é a face desigual e injusta da nossa comunidade universitária.

Nelson Maculan, Secretário de Educação Superior do Ministério da Educação





Eliminar a desigualdade racial no acesso à educação no Brasil atende a uma justa e inadiável reivindicação, não só dos afro-descendentes, mas de todo brasileiro com um mínimo de consciência social e moral. A escravidão significou a negação do acesso ao saber para uma imensa parcela da população brasileira. Os negros ex-escravos e seus descendentes constituíram a primeira grande massa de brasileiros excluídos. Ainda hoje, essa herança nos cobra um alto preço, que pagamos em desigualdade profunda e exclusão social – uma situação que, a todos nós, humilha e envergonha. Negros ou mestiços são quase a metade da nossa população, mas é maioria absoluta - cerca de

dois terços - entre os mais pobres.

ma discriminação secular

Melhorar a situação dos pobres e, entre os pobres, dos mais desiguais que são os negros e mestiços, é sinônimo, no Brasil de hoje, de universalizar e melhorar a qualidade da educação pública, atender as populações rurais, diminuir as diferenças regionais, de raça, de renda e de gênero. É verdade que houve avanços no acesso à educação em geral ao longo do século 20, tendo progredido a escolaridade de negros e brancos. Manteve-se, entretanto, cristalizada a diferença entre eles. Os indicadores sociais divulgados pelo IBGE apontam a educação como a maior conquista do Brasil, nos últimos dez anos. Apesar disso, ainda carregamos um atraso educacional histórico. O que outros países fizeram no século 19, só alcançamos ao final do século 20: a universalização do acesso ao ensino fundamental, ao colocarmos 97% das crianças de 7 a 14 anos na escola, eliminando praticamente as diferenças entre crianças

ricas e pobres, negras e brancas, nordestinas e sulistas.

À medida que se caminha no sentido da universalização do ensino médio, a questão da discriminação em relação ao ensino superior passa a assumir novas características. De um lado, a diferença de oportunidades de acesso entre ricos e pobres e brancos e negros, passa a ser referida não ao ensino superior em geral, mas às nossas melhores universidades. De outro, coloca-se a questão da ampliação do financiamento, na forma de crédito ou bolsas de estudos, aos que vierem a ingressar em instituições privadas. A primeira questão é a mais complicada de ser resolvida. Para atendê-la, temos que assegurar que a qualidade da educação básica nas escolas públicas de nosso país avance a ponto de eliminar as diferenças com a escola privada. Também aqui houve progressos muito significativos nos últimos anos, mas

ainda temos muito chão pela frente, pois em educação os resultados não aparecem da noite para o dia.

O acesso à universidade só será democratizado -de fato- quando todos os jovens tiverem condições de cursar um ensino médio de boa qualidade, seja público ou privado. Enquanto não chegamos à eliminação dessas diferenças, devem ser adotadas algumas ações afirmativas importantes. O apoio financeiro a cursos pré-vestibulares gratuitos dirigidos aos pobres, afro-descendentes e indígenas parece-me, hoje, a mais oportuna. Isto foi iniciado no governo passado com apoio financeiro do BID e tem sido seguido, diga-se de passagem, no atual.

Paulo Renato Souza é Consultor. Foi Ministro da Educação no Governo Fernando Henrique Cardoso, Gerente de Operações do BID, Reitor da UNICAMP e Secretário de Educação de São Paulo no Governo Montoro.

Trabalhar por uma sociedade mais justa e equalitária para todos, independente de raça, credo, gênero é o que norteia o

Professor Almir

Mineiro, criado num contexto cristão, recebendo grande influência do pensamento metodista em sua formação moral e religiosa, o prof. Almir de Souza Maia, Odontólogo durante sete anos, desde muito cedo esteve ligado à área educacional, especialmente no mundo metodista, uma instituição que, desde a sua origem (Séc. XVIII, na Inglaterra) atua em educação e está presente em 70 países com mais de 700 escolas, faculdades e universidades. Hoje, o prof. Almir ocupa o cargo de Diretor Geral do IEP (Instituto Educacional Piracicabano) com nomeação até 2006. Traz consigo convicções que têm se mantido ao longo de sua vida, que são a necessidade de trabalhar por uma sociedade mais justa e equalitária para todos, independente de raça, credo, gênero.

A seguir, os principais trechos da entrevista com o Diretor Geral do IEP:

Revista Afirmativa - Fale um pouco da sua história pessoal e da influência da Metodista em sua vida:

Almir - Sou mineiro, nasci em Pirapetinga. Meus pais eram sitiantes em Boa Nova, Santo Antônio de Pádua (RJ). O grande sonho deles era educar, formar os seus sete filhos (4 homens e 3 mulheres) e garantir-lhes futuro e cidadania. Desde cedo, meu pai e minha mãe tiveram a sua experiência

religiosa e se tornaram líderes na Igreja Metodista, mesmo não possuindo formação escolar suficiente. Assim, fomos criados em contexto cristão e a Igreja Metodista foi um paradigma para todos nós. Pessoalmente, recebi uma grande influência do pensamento metodista em minha formação moral e religiosa. Para garantir a formação acadêmica dos filhos, meus pais tomaram uma decisão corajosa: abandonaram o estilo de vida



rural, junto ao seu núcleo familiar, e se transferiram em 1948 para uma cidade promissora como Juiz de Fora. Eu tinha 3 anos de idade nessa época. Nessa cidade já funcionava uma tradicional e renomada escola, o Instituto Granbery da Igreja Metodista, onde mais tarde tive o privilégio de estudar. Fiz a educação infantil e primária em escola pública; a secundária, em escola particular e parte dela no Granbery.

Afirmativa - Qual sua formação educa-

cional? Conte um pouco da sua trajetória profissional.

Almir - Em Juiz de Fora, tive o meu primeiro trabalho na área pública junto ao Estado de Minas Gerais e cursei Odontologia na Universidade Federal de Juiz de Fora. Depois exercei a profissão de Odontólogo durante sete anos nessa cidade.

Desde muito cedo estive ligado à área educacional, especialmente no mundo metodista. Para nós, metodistas, a educação "é o processo que oferece formação melhor qualificada nas suas diversas fases, possibilitando às pessoas o desenvolvimento de uma consciência crítica e seu comprometimento com a transformação da sociedade, segundo a missão de Jesus Cristo". Logo cedo, iniciei minha atuação participando de Conselhos Diretores de várias instituições metodistas de educação e no final de 1977 fui chamado para colaborar na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), mantida pelo Instituto Educacional Piracicabano. No início de 1978, nos transferimos para Piracicaba, eu e minha família. Um grande desafio para um jovem que se dispunha a servir a Igreja Metodista e desejava continuar seus estudos na pós-graduação. Na UNIMEP, no primeiro momento, dirigi o Centro de Ciências Biológicas e Profissão da Saúde; logo depois, no

segundo semestre de 1978, fui convidado para ocupar os cargos de Vice-Diretor Geral do Instituto Educacional Piracicabano e Vice-Reitor da Universidade. Permaneci nesses cargos até 1986, a partir do qual, fui nomeado Diretor Geral do IEP e Reitor da UNIMEP, cargos exercidos durante quatro mandatos ou dezenas de anos. A partir de 2003 permaneço no cargo de Diretor Geral com nomeação até 2006. Durante esses anos todos tive o privilégio de acompanhar de perto o grande desenvolvimento da Instituição.

Afirmativa - e qual o tamanho dessa instituição atualmente?

Almir - A UNIMEP é uma das universidades confessionais do país. Em termos numéricos não se caracteriza como uma das maiores instituições privadas brasileiras, tendo trabalhado, nos últimos anos, com um planejamento de expansão não superior a 20.000 alunos. Atualmente, conta com cerca de 16 mil estudantes, distribuídos entre seus 44 cursos de graduação, e os programas de pós-graduação, a saber, dois doutorados, oito mestrados e dezenas de opções em cursos de especialização e atualização. No total, são 685 professores, dos quais 70% com a titulação de mestres ou doutores. As atividades acadêmicas estão distribuídas nos campi existentes em Piracicaba (2), Santa Bárbara D'Oeste e Lins. Atrás de si, a Universidade traz uma história centenária, surgida com a criação, em 1881, da primeira escola metodista no Brasil, o Colégio Piracicabano, até hoje em atividade, sem qualquer interrupção ao longo deste período.

Afirmativa - Qual o segredo desse Sucesso?

Almir - Se há uma receita para o suces-

so da UNIMEP, ela talvez possa ser apontada na prioridade dada à qualidade acadêmica que sempre caracterizou a Instituição. Com uma política acadêmica que se distingue pela indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, a UNIMEP fixou seu compromisso com relação a incorporar a cidadania como patrimônio coletivo da sociedade e, portanto, devendo permear todos seus cursos, projetos, programas e o próprio cotidiano. Além disto, sempre procurou estar próxima às comunidades que a circundam, trabalhando em parcerias com associações, prefeituras, grupos representativos, clubes de serviço, identificando-se com as demandas que surgiram com o passar dos anos, em todos estes núcleos. Trata-se de uma Instituição presente, acessível, gerando conhecimento teórico e aplicabilidade social pois, nossa pesquisa e nosso ensino têm estado diretamente voltados à prática da extensão.

Afirmativa - A Metodista tem um trabalho muito forte e já tradicional com o negro...

Almir - No que se refere às escolas metodistas no Brasil, particularmente a UNIMEP e a UMESP, nosso compromisso com minorias, inclusive étnicas, vem de longos anos. Temos mantido a política de garantir bolsas de estudo para negros, através da AFROBRAS, apoiando a ampliação do acesso ao ensino superior.

Afirmativa - O Sr. é uma das pessoas que muito contribui com o trabalho da Afrobras. Porque?

Almir - Como metodista, trago comigo convicções que têm se mantido ao longo de vida quanto à necessidade de trabalharmos por uma sociedade mais justa e igualitária para todos, indepen-

dente de raça, credo, gênero. Neste sentido, todos os esforços que possamos empreender de integração e ampliação de possibilidades aos negros se insere num compromisso maior, que foi possível ganhar contornos práticos através da UNIMEP e do IEP, onde exercei cargos executivos. Além disto, a seriedade com que a AFROBRAS tem trabalhado, desde quando nos relacionamos, faz que mereça o meu respeito e justifique o empenho, não apenas meu, mas também de toda a sociedade, para novas parcerias e apoio em suas lutas.

Afirmativa - A Faculdade Zumbi dos Palmares é a primeira do gênero na América Latina. Como o Sr. avalia este trabalho, ainda mais tendo a experiência da Metodista nos EUA?

Almir - A Faculdade Zumbi dos Palmares certamente se constitui num ponto de referência que ficará registrado historicamente na luta desenvolvida pela comunidade dos afro-descendentes no Brasil. No entanto, como a maioria de instituições de ensino superior no país, enfrentará dificuldades, problemas comuns a todos os que vêm se dedicando a esta área de atividade. Nossa desejo é que, através de parcerias, convênios e apoios que possa conseguir nesta fase inicial de implantação, a Faculdade possa se consolidar e se distinguir não apenas por seus objetivos, mas também pela efetiva qualidade de seu ensino e a manutenção de sua filosofia que a distingue.

É primordial para as organizações serem mais produtivas, dinâmicas, socialmente inclusivas e valorizar as diferenças entre seus colaboradores. As organizações de sucesso incentivam a diversidade do valor humano como estratégia para obter uma visão global e integrada na sociedade, respeitando crenças, religiões, diferenças

tiverem a inclusão desta população, não somente no mercado de trabalho, mas primeiro no aprendizado. Algumas iniciativas elogiosas têm sido empregadas tais como: a obrigatoriedade de percentual de negros nos cursos de graduação; a ONG – AFROBRAS – Sociedade Afro-Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural que visa o progresso, desenvolvimento social, cultural e educacional da comunidade de afro-descendentes brasileiros; a Universidade da Cidadania

estimula a inovação, fortalecendo o desempenho geral da organização resultando em vantagem competitiva.

Nós, do Banco Itaú, possuímos o Programa de Diversidade Corporativa como principais objetivos:

- Assegurar a justa competitividade diante das diferenças. (Ambiente onde as pessoas saibam que têm oportunidades iguais);

Inserção do negro no mercado de trabalho

de raça, cor e costumes. Segundo fonte do IBGE, a população brasileira está em torno de 85,5 milhões, sendo que os negros representam 42% dessa população. No Brasil, ainda segundo o IBGE, temos 5,8 milhões de pessoas graduadas e destas 14% são negras, ou seja, 812 mil. Neste cenário, é fácil perceber que a mão-de-obra qualificada de negros é baixa em relação às demais raças graduadas no Brasil, gerando dificuldade para sua empregabilidade.

Cabe ao governo e a sociedade criarem mecanismos que busquem e incen-

Zumbi dos Palmares, que promove os valores da diversidade, respeito e inclusão social; a Educafro – Educação e Cidadania de Afro-descendentes e Carentes que além de buscar vagas em Universidades tem como objetivo o resgate da cidadania e da auto-estima de jovens e adultos na maioria afro-descendentes e carentes.

De outro lado, as empresas que buscam o capital humano com as características do país, cuja população pela própria natureza é bastante diversa em relação a etnias, credos, raças e reforçam a abrangência das normas anti-discriminatórias e constroem uma sociedade mais justa.

Uma organização, com um capital humano diversificado e heterogêneo, é aberta a novas idéias e oportunidades. A diversidade aprimora a criatividade e

- Garantir a heterogeneidade na organização. (Representatividade garantida, possibilidade de acesso, permanência e mobilidade na organização);
- Construir metodologias visando à implantação de políticas específicas de valorização e promoção da diversidade.

O Comitê de Diversidade é composto por 12 diretores de diversas Áreas Executivas do Banco. Este Comitê se reúne bimestralmente objetivando:

- Discutir a questão da Diversidade Corporativa;
- Definir metas para os próximos anos, através da análise de dados estatísticos referentes ao nosso grupo de colaboradores, buscando conhecer nosso grau de diversidade atual, comparando à realidade do país - IBGE;
- Identificar e propor ações a serem implementadas no Banco (traçar o plano de ação).

Vale lembrar que o Banco já conta com o Programa de Contratação de Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais



(caráter permanente), Programa Jovem Cidadão (parceria com o governo do Estado de São Paulo(jovens de 16 a 21 anos cursando ensino médio em escola pública e 1 ano de duração) e Programa Adolescente Aprendiz (jovens de 14 a 16 anos, matrículados no ensino regular e menores carentes - renda familiar até meio salário mínimo por pessoa).Nosso objetivo é reunir todas as ações existentes em um único Programa de Diversidade, incrementando e expandindo atuação. O colaborador trabalha em um ambiente

que o receba bem, de forma que possa contribuir com o melhor para o sucesso

**A Universidade
da Cidadania Zumbi
dos Palmares promove
os valores da
diversidade, respeito
e inclusão social.**

da organização. Precisamos aprender, cada vez mais, a conviver com as diferenças de forma positiva respeitando e aprendendo com elas.

Não basta dizer não à discriminação. É preciso dizer sim a diversidade como um valor que pode nos levar mais longe...Diversidade é vantagem competitiva...

*Fernando Perez
VP de Recursos Humanos,*

O Estado de São Paulo é lembrado no Brasil e no exterior como pólo de riqueza, desenvolvimento, modernidade, entre outras mil maravilhas. Encontramos aqui diversas nacionalidades, povos, culturas, religiões e profissões, que fazem do Estado um verdadeiro caldeirão de diversidade.

É o lugar onde nasci, terra que já habitou o imaginário nacional como sendo rica, com boas oportunidades de trabalho e de dinheiro. A imagem construída pela história oficial é que tudo isso ocorreu por conta dos grandes barões do café, imigrantes europeus, banqueiros e toda a sorte de figuras eminentes. Seriam eles, seguindo esse pensamento, os responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento da região e do país. Os negros pouco são lembrados. As referências ao nosso povo e sua valiosa contribuição são quase inexistentes.

Mas, além dessa trajetória, sabemos que existiram lutas que poucos conhecem. Cito: a Frente Negra Brasileira, nos anos 1930; a criação da Associação Profissional Beneficente das Empregadas Domésticas, em Campinas, liderada por Laudelina de Campos Melo.

Nos dias de hoje, quando a capital completa 450 anos, não temos mais como negar as históricas raízes negras. Após a independência do Brasil, em 1822, cerca de 25% da população residente era composta por africanos e 40%, por mulatos. Foi nesse período que a cidade alcançou, graças ao ciclo do café, o

destaque que a levaria a se tornar um ícone de crescimento.

Muitos outros feitos da população negra que tomaram corpo em São Paulo continuam pouco conhecidos ou divulgados, mas há os que, certamente, fizeram fama. Foi nessa cidade que o MNU, fundado em 1978, promoveu o memorável ato público de lançamento nas escadarias do Teatro Municipal. Também em São Paulo aconteceu o primeiro encontro nacional de entidades negras, expressando o avanço organizado do movimento.

Rememoro essas histórias para tratar da lógica da exclusão - social e racial. Ela atravessa o exercício da cidadania, que deve ser pautado pela igualdade de oportunidades e pela justiça social. Lembro-me dessas histórias - e são poucos os exemplos que apresento, tendo em vista o número de pessoas que lutam cotidianamente por melhores condições de vida para a população negra.

Saliento que, assim como em São Paulo, no Brasil essa lógica se repete. Num país em pleno desenvolvimento, referência para a América Latina e para o mundo, os negros, quase

municipal em 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra, uma homenagem ao nosso herói Zumbi dos Palmares. O museu Afro-Brasil é um belíssimo e portentoso espaço para a valorização e divulgação da cultura afro-brasileira. A instituição é um passo importante para o resgate da herança do negro. É mais uma trilha no caminho para a sociedade refletir sobre o preconceito, a discriminação e a desigualdade no país. Cada vez mais, São Paulo assume sua face negra.

Os frutos colhidos pela cidade em seus 450 anos foram, em grande parte, semeados por mãos, mentes e corações negras. Nada mais justo que todos possam se servir deles em condição de igualdade.

ma terra
construída
por todos
os povos.

metade da população, ainda enfrentam uma situação desfavorável quando se fala em distribuição de renda, oportunidades no mercado de trabalho, saúde e educação. Isso sem discutir nas insistentes manifestações de racismo, veladas ou não.

Dentre os presentes que a cidade ganhou este ano, destacaria dois: o museu Afro-Brasil e a instituição de feriado

*Matilde Ribeiro
Ministra da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial*



A Faculdade Zumbi dos Palmares representa um divisor de águas na luta pela inclusão social dos afro-brasileiros, oferecendo uma oportunidade rara de acesso à educação superior para os negros. Inaugurada em 20 de novembro de 2003, a Zumbi dos Palmares oferece para 200 alunos uma formação superior em administração e, acima de tudo, a liberdade de escolher uma vida melhor através da luz do conhecimento.

A missão da Faculdade, primeira do projeto da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares, é garantir acesso à educação superior para um número crescente de afro-descendentes, já que são 46% dos brasileiros ou 80 milhões, mas que representam apenas 2% da população universitária.

Por este motivo, 100% dos alunos recebem bolsas de até 50% da mensalidade. Em 2005, a Zumbi tem a meta ambiciosa de abrir as portas para mais 400 alunos, o que ainda é pouco, frente à grande demanda reprimida por educação.

acu
Zumbi dos

Faculdade Zumbi dos Palmares

ADMINISTRAÇÃO



www.unipalmares.org.br

232



dadec
Palmares

Construindo parcerias para um mundo melhor



Desde o sonho à realização da primeira universidade negra na América Latina, o empreendimento contou com grandes parceiros, tais como: Unip, Universidade Metodista de Piracicaba, Universidade Metodista de São Paulo, Faculdades Senac, Unisa, Associação Alumni, USP - FIA e Unicamp. Com estes valiosos apoios, a Zumbi dos Palmares abriu as portas e fincou os primeiros alicerces do plano estratégico para os próximos cinco anos: criar um Centro Universitário com mais 4 novos cursos e alcançar 3 mil alunos.

Colocar o negro como protagonista da história, a começar pela sala de aula. É



assim que José Vicente, superintendente do Instituto Afro Brasileiro de Ensino Superior, órgão mantenedor da Faculdade Zumbi dos Palmares, define a criação da Zumbi que tem como uma de suas principais propostas discutir a cidadania através do trabalho de resgate e valorização social e histórico do negro. A ação preferencial aos negros se dá pela garantia de até 50% das vagas em cada habilitação. O critério que define a raça é o da autodeclaração. Atualmente, a Zumbi dos Palmares oferece o curso de Administração, com ênfase em quatro áreas: geral, financeira, serviços e comércio eletrônico e comércio exterior. O aluno da Faculdade Zumbi dos Palmares também tem a oportunidade de treinamento prático através dos intercâmbios internacionais firmados com outras instituições; cursos de extensão *stricto* e *latu sensu*; cursos de capacitação e qualificação pessoal. Outro diferencial da instituição é a fonte de garantia mínima de empregabilidade.

garantia
de até 50%
das vagas
para negros

O Instituto Afro Brasileiro tem firmado diversos convênios para *trainees* e estágios com as iniciativas pública e privada. Entre os parceiros estão: Consórcio de Mississipi para o Desenvolvimento Internacional, a Associação Cultural Alumni, IBM, CDHU - Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbanismo.



VIVA A DIVERSIDADE. VOCÊ PODE.

**Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares.
Processo seletivo 2005.**

Vagas abertas para o período noturno dos cursos de:

- Administração Geral
- Administração Financeira
- Comércio Exterior
- Serviços e Comércio Eletrônico



Inscrições:

Faculdade Zumbi dos Palmares

Rua Dr. Pedro Vicente, 232, ao lado da estação Armênia do Metrô

Fones (11) 3228-2063 / 3228-1981

negros em foco

Negros em Foco, programa que estreou em outubro, é a mais nova conquista da população negra. Produzido pela Afrobras – Sociedade Afrobrasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, em parceria com a TV RBI, o programa possui formato inédito e é apresentado por mulheres negras.

“A idéia é que este espaço seja uma tribuna para a difusão das ideologias e realizações do novo negro deste milênio. O negro consciente politicamente, que se destaca como empresário, executivo, empreendedor, estudante... São aspectos novos e positivos que saem dos estereótipos: samba, carnaval e futebol”, afirma a editora e apresentadora, Francisca Rodrigues.

Atualmente, os negros representam 46% da população brasileira. O programa pretende divulgar e sensibilizar a

sociedade sobre os problemas reais deste povo no país, além de debater os prós e os contras das ações afirmativas.

Negros em Foco é apresentado pelas jornalistas Francisca Rodrigues, Telma

Alves e Kendra Johnson, no ar todos os domingos às 21h pela TV RBI, com reprise às quintas-feiras, no mesmo horário.



Com a presença do Presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, dentre diversas autoridades, foi inaugurado em 23 de outubro, o Museu Afro-Brasil, no Pavilhão Manoel da Nóbrega, no Parque do Ibirapuera, São Paulo. Com a curadoria e coordenação do artista plástico Emanoel Araújo, que por mais de uma década dirigiu a Pinacoteca do Estado de São Paulo, o Museu Afro-Brasil vai abrigar as manifestações artísticas em diversas linguagens – cinema, fotografia, música, teatro, além de oferecer cursos, palestras e workshops. "Esse é um museu contemporâneo, investigativo e prospectivo. É um centro de memória viva não só do passado, mas também da união de todos os trabalhos de valorização do negro. Vamos trabalhar diversos conteúdos, em várias vertentes, inclusive junto aos movimentos periféricos de São Paulo", afirma Emanoel Araújo, que cedeu 1.500 peças

ao museu de sua coleção particular. De acordo com o curador, o Museu Afro-Brasil trabalha dentro de uma perspectiva de resgate da dívida da sociedade brasileira para com o segmento negro e mestiço. "É um museu onde o negro pode se reconhecer hoje", declara com orgulho Emanoel Araújo, com o resultado de mais de 20 anos de trabalho.

A primeira exposição temporária do Museu é Brasileiro, Brasileiros, cujos eixos temáticos incluem: a fusão da imagem do negro e do índio em diversas representações, a reprocriação e ressignificação de elementos do catolicismo barroco português, da representação indígena nas festas tradicionais e nos folguedos populares; e a reapropriação de elementos das culturas de origem africana como expressão na cultura nacional.

Cultura Negra ganha Museu



Emanoel Araújo

Para março de 2005, está prevista a exposição Na presença do sagrado, a partir do acervo do Museu Nacional de Etnologia de Lisboa.





Di Gênio

Objetivo como o próprio nome diz.



Do Médico ao Professor: a trajetória do empresário de sucesso que sabe trabalhar o potencial de cada um. Potencial, que sugere, ser o foco de estudo e de interesse da escola pública brasileira. Entrevistar ou mesmo conversar com o Prof. Di Gênio é um verdadeiro deleite. Marcar uma reunião com ele, frente aos diversos compromissos, é tarefa difícil. Fácil, entretanto, é ouvi-lo. A didática, intrínseca dos mestres, naturalmente, é nata. Com entusiasmo envolvente, o professor vai narrando histórias, amar-

mando fatos, vislumbrando o império que construiu na área da Educação: do

"Injusta é a sociedade que não dá oportunidade a todos, por isso, é justa a cota".

Cursinho, do Colégio Objetivo à UNIP – Universidade Paulista, a maior univer-

sidade do País, com 90 mil alunos.

Ao ser formar em Medicina na USP - Universidade de São Paulo, em 1965, o formando João Carlos Di Gênio, jamais poderia supor que o destino o conduziria por caminhos muito distintos do escolhido por seu pai: fazer dele um cientista. Afinal, não precisava trabalhar e fora sempre um aluno exemplar. Era o mínimo que poderia se esperar de um filho que havia passado em primeiro lugar no vestibular de excelentes universidades.

Ser número 1 na lista dos aprovados era motivo de convites por parte dos cursinhos da cidade, interessados em que ele transmitisse aos alunos a motivação e os conhecimentos necessários. Guardados em gavetas, os convites foram rejeitados durante dois anos. No terceiro ano, entretanto, sua vida começou a tomar outro rumo, "eu queria trabalhar", recorda. Assim como o amigo, Dr. Dráuzio Varella, também estudante da USP, resolveu dar aulas.

Aulas práticas, a diferença - Logo no início, o diferencial dos dois amigos professores rompeu os limites do quadro negro. As disciplinas aprendidas nos primeiros anos do curso de Medicina da USP foram importantíssimas para que

elas transmitissem aos alunos o conhecimento prático, o que fazia total diferença. O então Professor Di Gênio foi mais longe, não raro seus alunos solicitavam-lhe aulas particulares. E não havia como negar o pedido de 150 pessoas que o acompanharam durante o ano todo de 1965. E foi assim com o nome de Objetivo - afinal era cursinho rápido, de final de ano, - que batizou o espaço alugado com Dr. Dráuzio e mais dois professores, no Madureza Santa Inês.

Não é necessário ser visionário para imaginar o que aconteceu: alunos satisfeitos com os resultados alcançados nos vestibulares, a propaganda boca à boca se multiplicando ao longo dos meses e, de outro lado, donos de cursinhos preocupados com a concorrência do Objetivo que já nascia forte.

Alívio para as dores - Ministrar aula se traduz em prazer. "Atuar na área de Educação é sempre positivo, conduz às realizações. É um hobby que só me dá alegrias; vejo sempre o positivo, o crescimento do aluno. Trabalhar e desenvolver o potencial das pessoas é mais agradável que a medicina que tem as limitações da vida", acrescenta.

Mais do que uma vocação, realmente, a escola lhe caiu como uma salvação para quem cuidava de pacientes, de tal modo que se sentia afetado com suas dores, durante o período de residência no Hospital das Clínicas de São Paulo.

Chegou o momento de optar: Dráuzio Varella continuou na Medicina e, hoje, é diretor científico da UNIP. A Educação, no entanto, encantou Di Gênio. "Nessa área não existe limitação. Basta saber ensinar", afirma. E foi com esta convicção que partiu para a área, com exclusividade, e resolveu romper os limites. A partir do cursinho Objetivo,

criou o Colégio Objetivo, em 1970 e, em 1972, instalou as Faculdades Objetivo, hoje UNIP – Universidade Paulista.

Atenção especial – Di Gênio faz parte de um conselho de representatividade internacional que atua com pessoas superdotadas há mais de 30 anos. Segundo ele, de 2% a 4% da população brasileira é constituída de superdotados. Na sua opinião, há uma falta de entendimento no processo educacional

precisam ser trabalhadas.

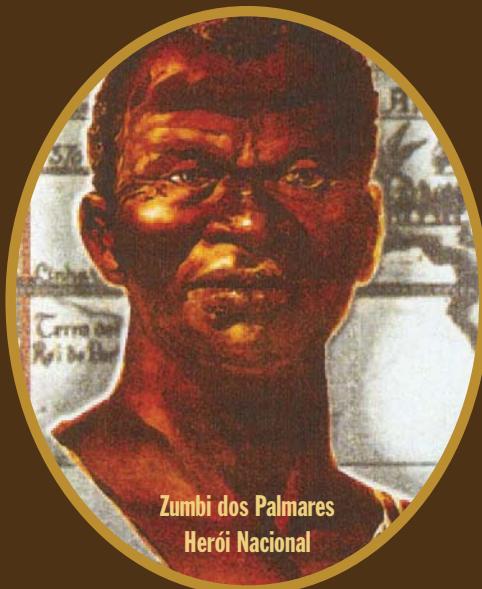
Cotas - De acordo com o Prof. Di Gênio, as escolas públicas precisam ser adequadas o suficiente para exercer esse papel. Quem é capaz de entender todo esse processo, concorda com o sistema de cotas nas universidades, porque vê a injustiça que se alastrá. "Daí o porquê sou favorável às cotas". Segundo ele, a escola pública está defasada e as cotas devem acabar, quando a escola pública melhorar. A dificuldade é também do branco carente. O pobre não tem condições de acompanhar o ensino na universidade, porque a escola onde estudou é ruim. Acrescenta, ainda, o professor a necessidade de exercícios constantes, a fim de recuperar a defasagem dos alunos que não tiveram acesso ao ensino de qualidade.

Faculdade Zumbi dos Palmares – "Importante passo foi dado com a criação da Faculdade Zumbi dos Palmares que vai verificar essa carência", sustenta. De certo, a Faculdade visa a encurtar o longo caminho que separa os alunos com condições de freqüentar boas instituições de ensino e boa parte dos formandos de segundo grau que concluem os estudos sem as condições exigidas para ingressar no ensino superior.

A atualização se faz absolutamente necessária. "A Faculdade Zumbi dos Palmares vai fazer essa diferença, vai estar dentro da nossa realidade. Caberá a Faculdade Zumbi dos Palmares realizar um projeto de modo a recuperar esse aluno, puxar por ele, pois vai verificar a sua carência e ajudá-lo a promover-se. Por isso, acho importante a consolidação da Faculdade Zumbi dos Palmares, pois ela permitirá um trabalho específico com esses alunos", concluiu.

"As pessoas são diferentes, mas cada um com um potencial. A escola que o Brasil precisa ter é aquela que nota a diferença e puxa pelo aluno tanto negro quanto branco, rico ou pobre".

como um todo, no País, mas é preciso trabalhar logo cedo para que o potencial vire realidade. Ele observa que as pessoas nascem superdotadas independente da classe social ou raça. "Existem pessoas brilhantes negras ou não negras, entretanto, falta-lhes estímulo e falta entendimento da sociedade". A escola boa é aquela que verifica o potencial do aluno e trabalha naquilo que ele tem de mais forte. Essa é a escola que o Brasil precisa ter para acolher as pessoas que nascem com potencial diferente e que



Troféu Raça Negra. 12 de novembro Sala São Paulo

Uma homenagem aos que lutam pelo respeito ao negro brasileiro.

Parte das comemorações do Dia Nacional da Consciência Negra – 20 de novembro –, esta segunda edição do Troféu Raça Negra, promovido pela Afrobras, vem destacar as principais personalidades que têm lutado pela verdadeira inserção do negro brasileiro na vida sociocultural, política e econômica do país. Parabéns a todos e, mais especialmente, parabéns aos milhões de brasileiros que continuam trabalhando pela pluralidade e igualdade de direitos neste nosso Brasil.

Patrocínio:



Apoio:

SECRETARIA DE
ESTADO DA CULTURA



DIÁRIO DE S.PAULO
Informação que você usa



MINISTÉRIO DA
CULTURA



raça

DIMED
GRÁFICA



Realização:



afrobras
Sociedade Afro-Brasileira de
Desenvolvimento Sócio Cultural



O nível da discriminação em razão de raça contra os negros brasileiros, amplamente conhecido, provado e reconhecido oficialmente, torna-os invisíveis na sociedade, agrupam-nos em guetos nas periferias, nos sub-empregos e nas prisões transfigurando-os em subcidadãos.

Cerceiam-lhes o acesso e o usufruto dos equipamentos e dos espaços públicos e privados de bem estar e de promoção do desenvolvimento coletivo e individual, excluindo-os da competição com igualdade de oportunidades, aos postos de trabalho qualificados e postos de comando e de prestígio públicos e privados do Estado brasileiro.

A manutenção desse *status quo* e a não intervenção efetiva e objetiva nos fatores que o determinam, constituem-se em impedimento do exercício dos direitos garantidos. Impeditivo da participação na vida nacional e nas decisões de suas políticas públicas. Impeditivos do alcance dos objetivos do Estado na realização dos fundamentos de justiça e equidade.

Sua prevalência conduz em rápidos e largos passos, para a perda da legitimidade do Estado na mediação, atuação e tomada de decisão dos caminhos da nação e impulsiona o acirramento do nível de intolerância interpartes, com

perspectivas de graves fraturas e desagregação do ordenamento sócio-legal, devendo mesmo ser compreendido como a negação dos direitos da pessoa humana, do Estado de Direito, da democracia e mesmo dos fundamentos da República.

O projeto de nação brasileira, igualitário, democrático e fundado nos valores da pessoa humana, jamais será alcançado e concluído enquanto o País permanecer cindido em dois “brasis”: um de negros, sem nada. E, outro de não negros, com tudo.

O progresso e o desenvolvimento nacional permanecerão inalcançáveis enquanto, em razão da discriminação racial, continuarmos jogando na lata do lixo o talento, a criatividade, a inventividade e a capacidade de realização de metade da nação: os negros brasileiros.

Nesse novo milênio que inauguramos, reinauguramos também nossas utopias, nossas crenças e nossa sempre disposição para a boa luta.

Reinauguramos em nosso íntimo, nosso desejo mais profundo de persistir no ideal dos que nos antecederam e no compromisso com os quais temos responsabilidades: nossas futuras gerações.

Reinauguramos nossa compreensão e confirmamos nosso sentido histórico: a luta incontestável pelo valor e respeito ao negro brasileiro, pelo valor à cidadania, pelo valor à democracia e pelos fundamentos da diversidade racial.

Não abrimos mão de compreender a diversidade racial no ambiente social, como fator de trocas positivas superlativas de experiências de vida, cultura, de geração de maior grau de identidade grupal, coesão e de solidariedade social, todos, fundamentos de fortalecimento da democracia e do sentido de Nação.

negro no terceiro milênio

O Estado e Sociedade não devem e não podem mais ficar alheios a essa realidade. Pelo contrário, precisam estar atentos e, sinceramente, produzir e encaminhar as soluções necessárias para, minimamente, cumprir os seus princípios e mandamentos legais na construção do projeto de nação democrática e igualitária pelo qual se luta desde seus primórdios.

Continuamos a acreditar na sua capacidade de diminuir os níveis de intolerância; aumentar o sentido de compreensão e respeito da diferença, promover o aumento da auto-estima e valorizar o indivíduo, integrando-o e gerando ganhos de qualidade e de produtividade na relação familiar, social e do mercado de trabalho.

A diversidade racial é instrumento indispensável para a promoção da inclusão e valorização dos negros brasileiros. Fator de integração, coesão, identidade e paz nacional; fator de produtividade, ampliação de mercados e geração de renda e riquezas, sendo não só eticamente necessário como economicamente imprescindível.

A Afrobras tem muito orgulho de haver contribuído de maneira modesta, porém contundente para a grande mudança de cenário no trato das coisas do negro Paulista e Brasileiro.

Com a Afrobras, o negro Brasileiro entrou pela porta da frente nos mais variados espaços simbólicos do País. Com honras no Palácio do Planalto e Supremo Tribunal Federal, com tapete vermelho e Limousine no Teatro Municipal. Brindou no Salão Nobre do Jóquei Clube e confraternizou em jantar magnífico no mais importante espaço do Palácio dos Bandeirantes.

Realizou as três maiores Feiras Internacionais da Beleza Negra da História do País, em São Paulo. Os maiores debates entre candidatos a Prefeito e Governador, com a comunidade negra, assim como, teve atuação destacada no debate e na produção de importantes legislações de ações afirmativas em todo o País.

No diálogo, na atuação com os setores empresariais, políticos, sociais, produtivos, culturais e religiosos, a Afrobras, de maneira irrepreensível e com reco-

nhecimentos nacional e internacional, tem cumprido integralmente seu papel de valorização e inclusão do negro paulista e brasileiro.

O Programa “Negros Em Foco” transmitido pela Rede Brasileira de Integração, Canal 14 UHF, em São Paulo e Brasília e a “Revista Afirmativa” são dois valiosos instrumentos de desenvolvimento do nosso trabalho e também dois marcos importantes do nosso progresso.

A Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares com a sua primeira Faculdade de Administração formando jovens negros para o mercado do empreendedorismo e exaltando o valor da tolerância e respeito à diferença, é a prova incontestável de que são possíveis caminhos novos e alternativos para responder às demandas do negro brasileiro. É a primeira da história do país e da América Latina, em seu gênero. E, certamente, do ponto de vista simbólico, a maior realização do negro brasileiro nesse início de milênio, servindo como bússola e promovendo o negro como protagonista.

É resultado de trabalho duro. De trabalho árduo realizado com carinho e dedicação diuturna e contando com o auxílio de muitas mãos dos nossos “negros de todas as cores”, com destaque especial para o Professor João Carlos Di Genio que, não por outra razão, empresta o nome ao Auditório da Zumbi, que, além de embalar o sonho, criou as condições materiais para torná-lo realidade; e para o cidadão Geraldo Alckmin que, desde os primeiros passos, jamais deixou de, pessoalmente, incentivar, prestigiar, valorizar e contribuir para seu sucesso e consolidação.

Nunca haverá história sem heróis. E a grandeza de um povo será sempre saber reconhecê-los e homenageá-los condig-

namente. Esta tem sido, desde a sua fundação, a compreensão da Afrobras. Essa tem sido nossa trajetória - agradecer e homenagear os que com mérito ajudam nessa longa travessia.

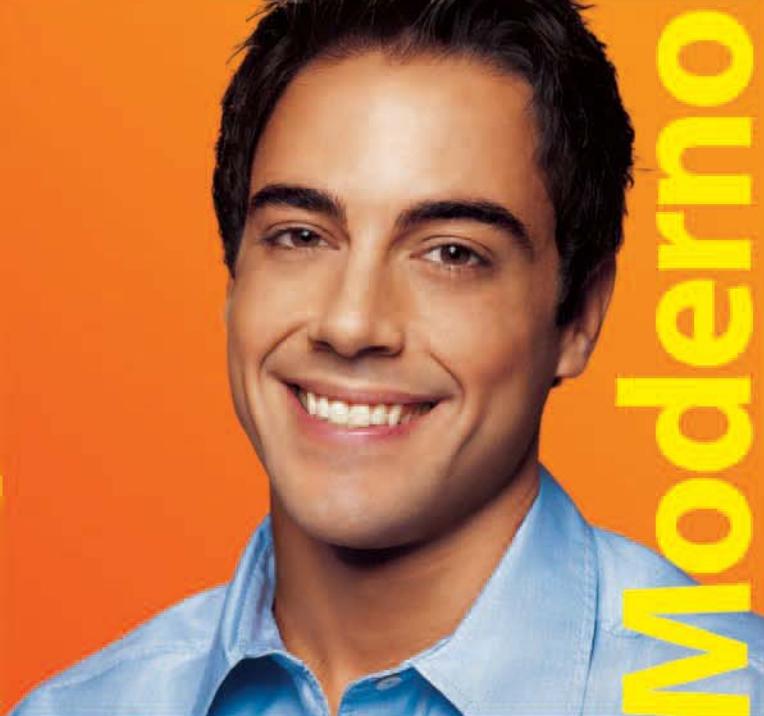
No aniversário dos 450 anos da cidade de São Paulo, em números absolutos, a maior cidade negra do País, torna-se justo, oportuno e indispensável, registrar a participação dos negros na sua construção diária e reverenciar ícones relevantes que trabalham ostensiva ou anonimamente a favor do negro que nasce a bordo do terceiro milênio, como forma de celebração das atuais conquistas, fortalecimento e consolidação desse novo degrau da história brasileira.

Nesta noite em que realizamos mais uma vez a Entrega do Troféu Raça Negra, em profunda celebração aos cânones da cidadania, a envergadura dos articulistas que de forma pronta e amiga contribuíram para essa Edição Especial da Revista Afirmativa, a gentileza e deferência das autoridades e personalidades que aceitando nosso convite se fazem presentes no evento – muitos de fora do país - a postura cidadã e compromissada dos nossos patrocinadores e a disposição para contribuir dos nossos apoiadores, nos deixam convencidos de que nós podemos construir o Brasil que sonhamos.

Terminada essa noite de início de milênio, seguramente teremos dado um passo largo, profundo e extramente decisivo na construção do País de que todos os brasileiros precisam e os brasileiros negros necessitam.

Estamos na nossa luta ! Valeu Zumbi !!

Completo



Conveniente

O Itaú tem mais de 2.200 agências, mais de 20 mil Caixas Eletrônicos, todas as opções de investimentos, crédito sem burocracia e uma completa linha de produtos. Está no Brasil todo e também está na internet e no telefone. É um banco completo, transparente e que, ainda por cima, foi feito para você. Abra já sua conta*. Ligue 0800 17 4828, acesse www.itau.com.br ou fale com o Gerente Itaú.



feito
para
você

**Vença os desafios
da profissão que escolher**

PROCESSO SELETIVO 2005

*Cursos Superiores Tradicionais
Cursos Superiores de Menor Duração - 2 anos*

PROVA TRADICIONAL OU POR AGENDAMENTO
Inscrições abertas